LEITURAS

ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

III CLASSE

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
FARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

Ilustrações de
Eduardo Romero

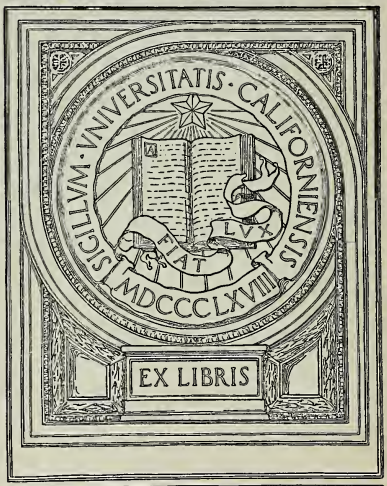
60.ª EDIÇÃO

Adoptado oficialmente para o ano lectivo de 1942-43

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA — LISBOA

A ESCOLA PRIMÁRIA

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
AT LOS ANGELES



Gift of
João de Bianchi, Minister
of Portugal

Chamo-me .....

Moro .....

Tenho ..... *anos.*

Peso .....

Tenho de altura .....

Se êste livro se perder,
ficam sabendo que é meu:
ninguém queira em seu poder
aquilo que não é seu.

OFERTA DO
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS TÉCNICOS

LEITURAS

III CLASSE

ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

III CLASSE

LEITURAS

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
FARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

122356

APROVADO OFICIALMENTE

1943

Livraria Sá da Costa - Editora
AUGUSTO SÁ DA COSTA & C.ª
Largo do Poço Novo, 24 - LISBOA
TELEFONE N.º 2 2016
TELEGRAMAS: LIVROSACOSTA

Reservados todos os direitos de reprodução.

Todos os exemplares devem ser autenticados com as rubricas dos autores e editores.

1942
Bertrand (Irmãos), L.da
Gravadores - Impressores
T. da Condessa do Rio, 27
L I S B O A

PC
5069
S94b
v.3

AOS EDUCADORES

À organização dêste livro presidiu o mesmo critério que se adoptou para o que é destinado à 2.ª classe, embora os centros de interêsse já sejam outros, como é natural.

O carinho e cuidado que os autores dedicaram à elaboração daquele livro subsistiu na feitura dêste.

Como o âmbito dos conhecimentos se vai alargando, o texto dispôs-se em harmonia com o desenvolvimento mental próprio da idade daqueles a quem é destinado.

A «nossa casa», a «nossa rua», a «nossa terra», a «nossa Pátria», por exemplo, são conhecimentos que se sucedem numa ordem lógica, alargando-se naturalmente, como os círculos concêntricos produzidos pela pedra caída na superfície da água tranqüila. Não foram escritos ao acaso, para dar idéias isoladas sem ligação entre si.

Impunha-se nesta classe a apresentação de trechos mais extensos do que na classe anterior. Mas houve o cuidado de, para estes se não tornarem fastidiosos aos pequenos leitores, naturalmente ávidos de variedade, lhes intercalar ou gravuras ou quadras ou ambas as coisas, ao mesmo tempo, apropriadas à natureza do texto.

Mantém-se a mesma orientação do livro da 2.ª classe, que tão apreciada tem sido pelos nossos colegas, quanto à apresentação de pequenos testes, *cujas vantagens são incontestáveis no desenvolvimento da inteligência.*

Apresenta-se neste livro uma tentativa que nos parece digna de atenção: — a leitura silenciosa.

447085

É claro que não se trata de uma inovação, mas apenas da adaptação, entre nós, de uma prática de efeitos seguramente vantajosos, principalmente no desenvolvimento do raciocínio e da elocução.

Afigura-se-nos que tal espécie de leitura tem maior importância do que aquela que, geralmente, se lhe atribui. Pessoas há que, em voz alta, lêem com tôda a facilidade o que se lhes põe diante dos olhos, mas que não são capazes de traduzir no fim, por palavras suas, o que leram; de dar uma idéia resumida do texto, de interpretar mesmo sintèticamente aquilo que, em voz alta, acabaram de ler.

Quere isto dizer que, naquele exercício, apenas entram em função a vista e a articulação, sem que a inteligência nêle tomasse parte.

É de tôda a conveniência, como se sabe, habituar a criança desde muito cedo a entender o que lê; e a leitura silenciosa presta-se admiràvelmente à aquisição dêsse hábito salutar.

O que convém é graduar racionalmente os respectivos exercícios.

O professor que esteja de acôrdo com êste modo de ver deve, evidentemente, variar e ampliar os exercícios, não se limitando aos que neste livro se contêm, os quais se apresentam apenas como sugestão ou como ponto de partida, se quiserem.

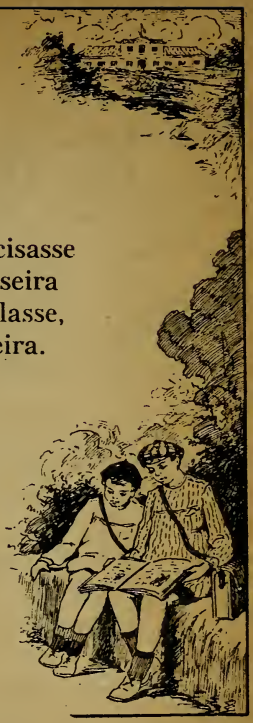
Como sucedeu no livro da 2.ª classe, àparte uma poesia, todo o texto é dos autores, incluindo a parte musical, o que bem mostra, além da honestidade de intenções, que êles se não pouparam a trabalho, no intuito de produzirem obra que fôsse a natural seqüência da que elaboraram para a classe anterior. Oxalá o tenham conseguido.

A parte artística é devida ao grande pintor Eduardo Romero, cuja competência os leitores apreciarão, como nós, e a cuja valiosa colaboração, que muito agradecemos, se deve, em grande parte, o notável acolhimento que obteve o livro da 2.ª classe.

Que o nosso esfôrço bem intencionado, que o nosso trabalho honesto possa preencher o fim a que se destina, e dar-nos-emos por compensados das fadigas, cuidados e preocupações que a sua elaboração nos causou.

OS AUTORES.

O NOVO LIVRO



Sem que afinal precisasse
ter uma grande canseira
passei da segunda classe,
ando agora na terceira.

Eu nesta classe, é verdade,
terei bem mais que fazer:
mas não me falta vontade
de estudar e de saber.

Para isso, diz meu pai
que é preciso trabalhar
e que mal guiado vai
quem gosta de mandriar.

Hei-de ler muito — está dito,
hei-de estudar a valer:
neste livro tão bonito
até dá gôsto aprender.

Por muito pobre que seja, a nossa casa é para nós sempre mais querida que as outras. Tem, como elas, paredes e teto, portas e janelas, chaminé e telhado. Sendo um pouco melhor do que algumas, é sem dúvida bem pior do que outras. Mas em nenhuma sentimos o bem-estar que só a nossa nos dá.

Pode ela ter menos luz que a do vizinho, ser mais acanhada e mais triste, mais fria no inverno ou mais quente no verão: apesar disso a nossa casinha parece que nos chama para si, ao passo que a do vizinho nos não atrai e nos é quási indiferente.

Em nenhuma nos sentimos tão bem como na nossa, por maior que seja o confôrto que haja na casa estranha e amiga.

Os lugares da nossa casa, onde brincámos em

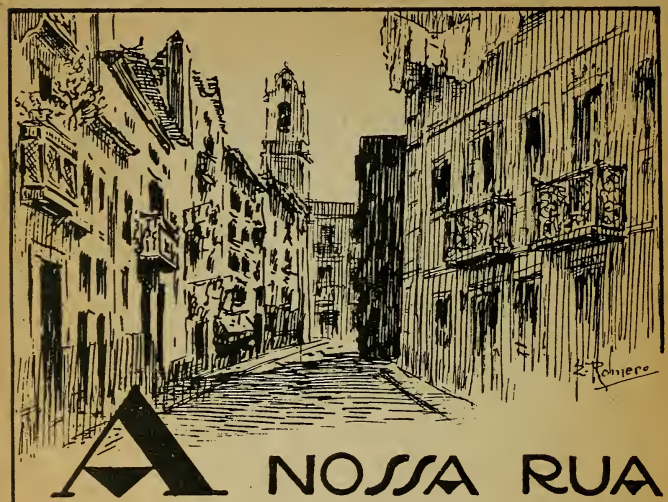
pequeninos, são para nós particularmente queridos. Estimamo-los como a amigos de infância, que tomaram parte nos nossos brinquedos. À casa em que nos criámos, onde nossa mãe nos deu os primeiros beijos, onde balbuciámos * as primeiras palavras, estamos ligados por laços de particular simpatia e até de saüdade.

Se estamos fora da nossa casa, por poucos dias que seja, sentimos, ao voltar, aquela alegria que se experimenta, quando tornamos a encontrar uma pessoa amiga que há tempos não víamos.

Por menos risonha que decorresse a nossa infância e por mais humilde que fôsse a condição daqueles que nos criaram, êsses lugares queridos parece que nos falam do passado e como que nos sorriem. E nós sorrimos-lhes também, porque a cada um dêsses lugares temos ligada uma recordação mais ou menos saüdosa.

É linda a casa em que mora
ali a nossa vizinha:
a minha é mais pobre: embora
gosto muito mais da minha.

Nela me têm criado
o meu pai e a minha mãe;
nela é que tenho brincado,
nela é que eu me sinto bem.



A NOSSA RUA

A nossa casa está ligada a outra. A esta segue-se uma terceira casa. Os moradores delas são nossos vizinhos, por morarem perto de nós. Conhecemo-nos todos, porque nos vemos muitas vezes, cumprimentamo-nos e até conversamos uma vez por outra. Damo-nos muito bem e, quando é preciso, ajudamo-nos uns aos outros. Eu brinco muitas vezes com os filhos dos nossos vizinhos. Conheço-os bem, trato por *tu* os que são da minha idade e os que fazem pequena diferença de mim.

Às vezes as vizinhas vêm pedir coisas emprestadas a minha mãe, e ela, se pode, empresta o que

lhe pedem, sempre com boa vontade. Minha mãe também pede favores às vizinhas, quando precisa, e elas servem-na com muito agrado, sempre que a podem remediar.

Ao lado da casa do meu vizinho está outra casa, e depois outra e outras, que formam um dos lados da nossa *rua*. Defronte destas casas há outras.

A rua em que moro tem muitas casas, umas mais altas, outras mais baixas. Algumas ruas só têm casas de um lado.

As ruas são públicas, quere dizer, todos podem andar por elas, sem precisarem pedir licença para isso a ninguém.

A minha rua e as outras formam a minha *terra*.

Gosto mais da nossa casa que das outras.

Conheço melhor a nossa rua do que aquelas onde não moro.

I S U

É uma recta êste **I**,
é uma curva êste **S**:
será êste **U** uma recta?
ou curva? Que lhe parece?

Por muito modesta que seja a nossa terra, ela tem atractivos que nos prendem, como os de nenhuma outra, embora mais importante que a nossa. Se é uma grande cidade, os que lá nasceram e lá se criaram acham-na superior às outras grandes cidades.

Coisa parecida se dá com os naturais de outras terras menos importantes: — *vilas, aldeias* ou *lugares*.

Parece que vemos a nossa terra por um óculo de aumentar, e por isso ela nos parece sempre maior e mais importante do que na verdade é.

E, se amamos mais a nossa casa do que tôdas as outras da terra em que vivemos, também gostamos mais da nossa terra do que das outras.

Quando vamos a outra terra, embora lá se fale do mesmo modo que nós falamos, sentimo-nos estranhos e menos à vontade que na nossa, onde conhecemos tanta gente e onde tanta gente nos conhece. Se acaso lá encontramos alguma pessoa da nossa terra, sentimos alegria em vê-la, ainda

que essa pessoa seja de todo estranha à nossa família.

Quando deixamos a terra e dela estamos ausentes alguns anos, sentimos, ao voltar lá, uma impressão estranha, que só pode ser avaliada por quem alguma vez a experimentou.

Os sítios onde brincámos em pequeninos aparecem-nos então com um encanto novo, e nós olhámos comovidos para êles, recordando com grande saüdade os factos que êsses lugares nos trazem à lembrança.

Os nossos companheiros de escola, aquêles que connosco brincaram e que estão mudados como nós, despertam-nos também um agrande saüdade da nossa meninice.

Gosto mais da minha terra que das outras.

A minha terra querida
há muitos anos parti;
e, lutando pela vida,
muitas terras percorri.

Há tantos anos ausente...
e não me esqueço de ti,
ó minha aldeia distante,
ó terra onde eu nasci.

A nossa República

ATÉ 1910 a forma do govêrno em Portugal foi a monárquica, que tinha como Chefe do Estado um rei.

Durou cêrca de oito séculos.

Em 1910 foi proclamada a República, que passou a ter como Chefe do Estado um Presidente da República.

O actual Presidente da República é o Sr. General Carmona — modêlo de bondade, modêlo de homens de bem.

A nossa República, que tem passado horas infelizes de amargura, encontra-se presentemente próspera e prestigiada em todo o mundo.

Enquanto tantas nações por êsse mundo fora vivem em constante desassossêgo, em guerras sangrentas, em Portugal trabalha-se com alegria e vive-se em paz.

O nosso país é hoje apontado em todo o mundo como modêlo de ordem — ordem na rua, ordem nos espíritos.

Podemos, por isso, ter orgulho de ser portugueses.

ALDEIA EM FESTA

MUITAS são as aldeias de Portugal que todos os anos, em dias certos, festejam os santos da sua devoção.

Na aldeia, o dia de festa é sempre um dia de geral regozijo.

Os que vivem longe, vêm nesse dia ao seio da família; há abraços comovidos, lágrimas de alegria.

A igreja aldeã aparece caiada, os altares e os santos floridos, andores enfeitados, por tôda a parte verdura e flores, e no ar um cheiro sadio a rosmaninho, que dispõe bem, que consola as almas.

Repicam festivamente os sinos, num terno convite à oração; ricos e pobres vestem os seus melhores fatos e em quási tôdas as casas há comida farta e variada, não faltando o popular arroz-doce.

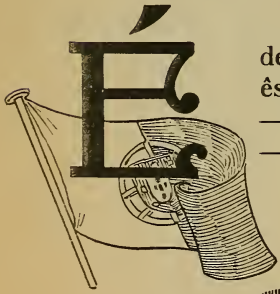
À hora da missa solene, o povo lá está cheio de fé; e, ao levantar da Santa Hóstia, o sino dá sinal, os joelhos curvam-se com humildade, em reverência ao Sagrado Corpo de Jesus.

Sai a procissão, em que figuram quási todos os santos da igreja, conduzidos respeitosamente pela mocidade da terra; e não raro homens e mulheres se arrastam de joelhos atrás das imagens, em cumprimento de promessas feitas em horas de aflição.

Há fogaças, músicas, descantes, foguetes, e o bom povo folga e ri, contente, de todo esquecido das agruras da vida e até do mal-estar que vai pelo mundo fora.

Bendito seja, na simplicidade do seu viver, o nosso bom povo aldeão, pacífico, trabalhador e crente.

AMO MAIS A MINHA PÁTRIA DO QUE AS OUTRAS



É de uma beleza infinda
êste país sem igual:
—Viva a nossa Pátria linda!
—Viva o nosso Portugal!

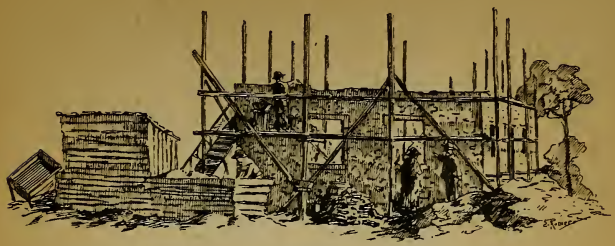
Uma criança estava a chorar muito. Passa por ela uma senhora, que lhe pregunta:

—Porque choras tu, meu menino?

—Porque os meus manos têm férias e eu não.

—¿Mas porque não tens tu férias?

—Porque ainda não ando na escola.



A construção de uma casa

O Mário observava pela primeira vez, com admiração, a maneira diligente como uma andorinha ia fabricando o ninho.

Pouco a pouco, sob o beiral do telhado, o barro que trazia no bico ia tomando forma e consistência, e pela pequenina abertura já ela entrava e saía, em procura do musgo, para tornar o ninho bem fôfo e macio.

O Mário tinha nove anos, mas não entendia bem todo aquêle ir e vir, cheio de cuidados, da graciosa avezinha, que não parava um momento no seu labor.

Contou depois ao pai o que tinha observado e preguntou-lhe para que era tudo aquilo.

O pai então respondeu-lhe:

— Quási todos os animais buscam ou constroem o abrigo em que hão-de viver e criar os filhos. Foi sempre assim e assim há-de ser sempre. O que

tu viste é a casa da andorinha, como a nossa casa é o ninho em que nós vivemos.

As aves, p orém, e outros animais fabricam hoje os ninhos e os seus abrigos como os fabricavam há milhares de anos; ao passo que o homem, dotado de inteligência e raciocínio, tem variado as suas construções, que usa desde a simples e humilde choupana coberta de côlmo, dos pastores da serra, até os mais ricos palácios que se vêem nas cidades.

Os animais contentam-se com pouco, mas a ambição do homem é imensa.

Assim, ao passo que, para fabricar o ninho, a andorinha não precisa de auxílio estranho, pelo contrário, para a construção de uma casa, concorre uma infinidade de operários: primeiro, o *arquitecto,* que lhe desenha o plano e faz o *projecto* *; depois, o *mestre-de-obras,* que o executa; os *cabouqueiros* que lhe cavam os alicerces; os *pedreiros* ou *alvenéis,* que levantam as paredes; os *carpinteiros,* que pregam e ligam os madeiramentos, que assentam os sobrados e firmam as vigas dos telhados; os *estucadores,* que alisam as paredes e os tetos; os *vidraceiros,* que colocam os vidros; os *pintores,* que pintam as janelas, as portas e as paredes; os *ferreiros* e *serralheiros,* que fazem as fechaduras, as aldrabas, os gonzos das portas e janelas; e tantos outros artífices que, trabalhando nas oficinas, contribuem com o seu esfôrço e com

a sua actividade para o confôrto do homem, abrigando-o contra os frios e rigores do inverno, e dando-lhe no verão o conchêgo de uma sombra amiga.

E se fôsse a falar-te de todo o material que se emprega na construção de uma casa — a *pedra*, a *cal*, a *areia*, o *cimento*, o *tejolo*, a *madeira*, os *pregas*, as *tintas*, o *vidro*; — nas pessoas, nos animais, nas máquinas empregadas para produzir, buscar, carrear todo êsse material, ficarias admirado, meu filho, de tanto trabalho, de tantos cuidados e preocupações na edificação do ninho em que vivemos e em que trabalhamos.

O homem primitivo* não precisava de tanta coisa; uma caverna* aberta na rocha lhe bastava, contra a fúria dos ventos, das chuvas, das tempestades e dos animais ferozes.

Honremos, pois, todo o homem que trabalha!

As paredes são feitas com pedras.

—Quem faz as paredes?

Nalguns sítios arrancam-se pedras *para fazer paredes e outras construções.*

—Como se chamam êsses sítios?

—¿—Como se chama o acto de se atirar uma pedra?

—¿Lembra-se de um nome de pessoa parecido com pedra?

¿Quais são os objectos que tem na sua cozinha?
—E na casa de jantar?
—E na sala?

—Quantas janelas tem esta casa?
—¿As janelas são tôdas de peito?
—¿Quantas são as janelas de sacada?
—¿Vê uma varanda no 1.º andar?
—¿Que nome se dá a essa varanda?
—¿A sua casa tem uma varanda corrida?
—Quantas portas tem esta casa?
—Supondo que a parte mais estreita está virada para o Sul, ¿para que lado está voltada a outra?
—¿quando é que o Sol ilumina o lado da casa onde está a chaminé?
—¿Para que é a chaminé mais alta que o telhado?

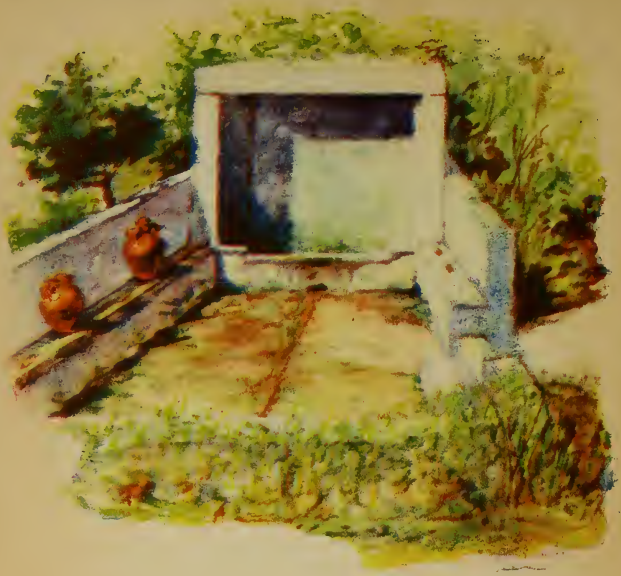
A FELICIDADE NO LAR

lar é a casa onde o homem vive com sua família.

Pode ela não ser grande nem rica; mas, se estiver sempre asseadinha, se dentro dos seus quartos entrar a jorros o ar e a luz, se os seus móveis andarem limpos e cada um estiver no lugar que lhe compete, o vestuário e as roupas bem lavadas, passadas, dobradas e dispostas devidamente, os utensílios de cozinha bem limpos e areadinhos; nos armários, um pouco de pão, e nos cântaros* água abundante; na salinha uma pequena jarra com flores e por tôda a casa *uma criança que salta, que canta, que ri e chora,* êsse lar, se os seus moradores gozarem saúde, de nada mais precisa para ser feliz, porque haverá nêle paz e alegria.

¿Que valem tôdas as riquezas amontoadas numa casa, se não houver entre as pessoas de família a união que as torna felizes e fortes, o amor que as defende contra todos os perigos, e a resignação para sofrerem as contrariedades que por tôda a parte acompanham o homem?

Meninos, procurai contribuir com a vossa alegria e com a doçura de carácter para a felicidade do vosso lar.



A FONTE

Ó fonte da minha terra,
ó velha Fonte Formosa,
como eu tenho na lembraça
a tua imagem saüdosa.
Sempre franca, sempre aberta,
sempre boa e generosa.

A todos matando a sêde,
não fazias excepção...
Em volta crescia a junça *,
o poejo *, o agrião * :
lá se juntavam as moças
em noites de S. João.

Cruz e Espada

Uma vez
dois portugueses de lei,
audazes e patriotas,
ao serviço de seu rei
da Pátria e da Religião,
iam em tôdas as frotas
a caminho do Brasil
ou da Terra Oriental,
levando no coração
o nome de Portugal.
Marinheiro,
forte, destemido, crente,
tendo no olhar a chama
de um herói medieval.
Êle era sempre o primeiro
nas caravelas do Gama
ou nas de Álvares Cabral.
Dos golpes da sua espada
nova civilização
pouco a pouco ia brotando
lá na Índia e no Brasil
e no sertão
da África tão ignorada.
O outro, missionário,
lado a lado, à dianteira,
seguia-o na mesma esteira
naquelas terras ardentes;
e erguendo alto a Cruz de Cristo,
doce mártir do Calvário,
Seu nome ensinava às gentes
e a Sua doutrina e Lei.
E ao mesmo tempo
que o seu rei ia servindo,

servia também a grei
e aquêles antepassados,
que ao sol de muitas batalhas,
requeimados,
douraram na história o nome
dêste seu torrão natal,
que é Portugal.

E a tôda a parte
êste português obscuro,
de coração grande e puro,
par'cia levar escrito
nos braços da Santa Cruz,
junto ao nome de Jesus
aquêle nome bendito.

Dêste modo *Cruz e Espada*,
emblemas de fé ardente
e fôrça da lusa gente,
lá seguiam sempre a par
de hemisfério em hemisfério,
a caminho de além-mar,
dilatando a fé e o império.

¿Mas quem eram
aquêles dois portugueses
a quem jamais os reveses
enfraqueceram
seu nobre peito cristão?
O seu nome não importa.
Para o luso coração
êles eram, afinal,
os dois símbolos heróicos
da nossa Pátria imortal.

ANEDOTA

O sr. Pereira tinha no seu quintal uma pereira com três pêras; e como um dia viu em cima dessa árvore um rapaz muito ratoneiro, correu sôbre êle, o ladrão fugiu, e o sr. Pereira depois contou, à maneira de quem apresenta um problema, para resolver, o seguinte:

—*O maroto do rapaz não comeu pêras, não me levou pêras, nem a pereira ficou com pêras.*

Como podia ser isso?

Da maneira seguinte: o ratoneiro comeu *uma pêra,* levou *outra* e deixou a *terceira* na árvore. Orá como *uma pêra* não são *pêras,* visto que *pêra,* no singular, só pode ser uma, e *pêras,* no plural, mais do que uma; assim fica resolvido o problema das três pêras da pereira do sr. Pereira.

□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□

A um homem desonesto,
que pratica a feia acção
de tirar o que é alheio,
dá-se o nome de ladrão.
Mas, se acaso uma mulher
igual acção praticar,
não se lhe chama ladrão.
—¿Como se há-de então chamar?

A união na família

mãe dera à filhinha
um belo cacho de uvas,
douradas pelo sol,
regadas pelas chuvas.

Vê ela ao longe o irmão
que, diligente, vai
levar, lá longe, à quinta,
o jantar a seu pai.

E pensa: — Tão pequeno,
como há-de ir cansadinho...
¡Que bem lhe saberia
agora êste cachinho! —

E chama-o, corre e, enfim,
lá consegue alcançá-lo;
e dá-lhe os doces bagos
que devem refrescá-lo.

Depois, a casa volta
sem dizer nada à mãe;
e a caminho da quinta
vai o irmão também.

Mas êste, que já sente
como é duro o trabalho,
vendo o pai tão cansado,
não come o cacho e dá-lho.

Recebe-o o lavrador;
e pensa na mulher,
nas lidas e canseiras
que a pobre deve ter...

E assim, não come o fruto...
E, ao voltar, à noitinha,
oferece-lhe o cacho
que ela dera à filhinha,

e que, desta maneira,
volta à primeira mão,
como um exemplo vivo
de amor e de união.

Oh! santo amor de mãe,
de irmão, de filho e espôso!
Crianças, segui sempre
exemplo tão formoso.

Em muitas terras de Portugal chama-se lareira ao sítio da casa, onde, no chão e sôbre lajes, se faz o lume.

Principalmente nas longas noites de inverno, quando o vento sopra rijo e o frio gela os corpos, o crepitar do lume na lareira produz uma agradável sensação de bem-estar.

Junto dela, depois da ceia, sentam-se o pai, a mãe e os filhos; aquêle descansando do trabalho do dia, enquanto o sono não chega; a mãe, costurando; e os pequenos, num tagarelar constante, quando a avòzinha os não entretém com algum velho conto de fadas ou mouras encantadas, em

que tanto se recreia o seu espírito. E tôda a família aí se junta numa doce intimidade, passando o tempo necessário para que as grandes noites de inverno lhe pareçam mais curtas.

Lá fora, assobia o vento ou cai a neve,

a neve branca da serra,
tão branquinha a esvoaçar,
como brancas, ternas pombas,
fora do ninho, a voar.

Dentro de casa consola o calor do lume.

Nas casas de mais haveres também se usa a braseira, grande bacia de cobre reluzente, que se coloca numa abertura circular feita num estrado de madeira.

É nessa bacia de cobre que se lançam as brasas e é à sua volta que se reúne a família a trabalhar, a conversar ou a ler.

Oh! lareiras e braseiras da minha província, que confôrto sois ainda hoje para os velhos e também para as crianças!

Pobre de quem nunca teve
uma brasa à sua beira;
e de quem nunca sentiu
o calor de uma lareira.

DORMINDO

Enquanto a mãe perto vela
o querido filho seu,
repousa a gentil criança
que ainda há pouco adormeceu.

¡ Que santa tranqüilidade *
que invejável placidez ! *
semi-cerrados os olhos,
dormita, sonha talvez...

Deixai-a dormir, tranqüila ;
deixai-a, porque é feliz :
só tem sonhos de ventura,
seu doce sorriso o diz.

¿ Que estará ela sonhando,
feliz em seu dormitar ?
deixai-a viver de sonhos,
deixai-a dormir... sonhar.

Murmúrios dos arvoredos,
não perturbeis seu descanso...
aves, que em tôrno voais,
vinde embalá-la de manso.

Ó fôlha, que rumorejas *,
não turbes seu repousar ;
rouxinol, não a despertes...
brisa, passa devagar...

ALCUNHAS

O Mário faltou um dia à escola. Como não era costume faltar, o professor preguntou aos outros seus discípulos se o tinham visto ou se sabiam qual a razão por que êle não tinha ido à escola. O Artur levantou-se logo e respondeu:

—Sei eu, sr. professor: disse-me hoje o *Fuinha* que êle está doente.

—Quem é o *Fuinha?*—preguntou o professor.

—É um rapaz da 4.ª classe, que mora ao pé do Mário.

—Mas êle chama-se *Fuinha?*

—O nome dêle é Júlio; mas como é muito magrinho e enfezado, todos lhe chamam o *Fuinha.*

—Todos? Menos os pais dêle, menos o seu professor, menos as outras pessoas amigas, menos os estranhos de bom coração. Se o Artur fôsse magrinho como êle, gostaria de ser tratado assim?

—Não, sr. professor.

—Pois não devemos chamar aos outros aquilo que não desejaríamos que nos chamassem, se estivéssemos nos mesmos casos. Por *Júlio* é que deve ser tratado, visto que é êsse o seu nome. ¿Que culpa tem êle de ser assim magrinho?

—Mas êle não se zanga nem se importa que o tratem assim; já está acostumado.

—Não se zanga, porque é bondoso e conformou-se, convencido de que nada remediaria, se se zangasse. Há pessoas de tão mau gôsto que até lho chamariam mais vezes, para terem o esquisito *prazer* de o arreliar.

Há pessoas que gozam com os males dos outros. O Júlio não se zanga, mas sofre. Cada vez que o tratam assim, vão-lhe lembrar uma coisa desagradável, de que êle talvez estivesse esquecido nessa ocasião.

Ora isso não é justo nem bonito nem próprio de quem tem bom coração. Bem lhe basta o desgôsto que terá de não ser, como vós, escorreito * e saüdável. Lembrar-lhe o seu estado, de que não tem culpa nenhuma, é aumentar, sem necessidade, o seu desgôsto.

Bem sei que muitos lhe chamam isso irreflectidamente, quere dizer, sem pensar no mal que fazem. Mas agora que me ouviram hão-de concordar decerto que nunca devemos tratar o Júlio senão pelo seu nome e nunca, nem uma só vez, por alcunha, principalmente quando essa alcunha se refere a um defeito físico. Os que concordam comigo ponham-se de pé.

Tôda a classe imediatamente se levantou.

—¿Todos me prometem então que só hão-de tratar o Júlio pelo seu nome?

— Sim, sr. professor.

— Agradeço a todos a promessa, e espero que a cumpram. Mas há mais: nem todos os meninos que falam com o Júlio aqui estão; e, portanto, nem todos me ouviram. Se os que estão presentes ouvirem algum dos outros tratar o Júlio pela alcunha, o que é que devem fazer?

— Dizer que não se chama assim...

— Muito bem. E devem contar-lhes aquilo que me ouviram.

Não chamemos ninguém por alcunhas.

ANEDOTA

— Quantos anos tens, Luís?

— Tenho doze. E tu?

— Eu tenho quinze. Sou quási um homem: tenho mais três anos que tu.

— Agora ainda tens: mas daqui a três anos seremos da mesma idade. A 12 faltam três para 15.

Disse bem êste menino?
Porquê?

Não há bem que sempre dure...

ELIZ vivia um *casal** no seu *monte**. Não tinha riquezas, mas os poucos bens que possuía em terras de lavoura, davam-lhe o suficiente para viver sem as preocupações que a falta de dinheiro traz muitas vezes.

Mas, um dia, bate-lhe à porta a desgraça. O graniso destrói-lhe num momento o fruto do seu trabalho. Para maior infelicidade, os dois anos imediatos foram anos de fome.

A desgraça era grande. E o pobre casal, para saldar compromissos, vende as poucas jóias que possuía. Mas não desanima; trabalha, trabalha sempre.

Felizmente, o ano seguinte foi tão abundante, produziu tão bem e tanto, que o pobre casal pôde reaver os bens perdidos.

Parecia que um novo sol tinha raiado para aquela gente. Por isso, com que prazer dizia o pai:

— Filhos, nunca desanimeis perante a desgraça. Trabalhai, trabalhai sempre com amor, com fé e confiança, porque — já diziam os nossos avós:

Não há bem que sempre dure...
nem mal que ature.

447085

A barrela

—¿Que está a tia Ana a fazer? Aquela cinza assim, em cima da roupa já lavada, vai sujá-la mais do que estava...

Isto dizia à mãe o Alberto, rapazinho da cidade, que nunca tinha visto fazer uma *barrela,* ignorando, portanto, que a cinza da lenha é a substância de que se extraem em grande parte os elementos com que se fabrica o sabão.

Electivamente, em terras da província é muito vulgar ver, nas ribeiras aonde as mulheres vão lavar a roupa, fazer uma *barrela,* para evitar maior consumo de sabão.

O Albertinho reparou então melhor e viu que a tia Ana, depois de lavar a roupa, a punha dentro de um cêsto, coberta com um pano limpo, e numa

fogueira colocava um caldeirão com água e cinza.

Depois, quando tudo estava a ferver, lançava essa mistura sôbre o pano que cobria a roupa. A água então escorria, escorria, indo encharcar tudo.

A tia Ana tornava em seguida a passar a roupa na água corrente da ribeira, dava-lhe mais uma pequena lavagem, torcia-a bem para escorrer a água tôda, e ia estendê-la ao sol, molhando-a de vez em quando com um regador, para *corar* * bem, dizia ela.

¡ E que branquinha a roupa ficava depois, sem nenhuma nódoa !

¿ Que devemos fazer, quando nos emprestam um livro de estimação e o perdemos ?

Já tocam a matinas.
Através das campinas
a lavadeira,
com o cêsto à cabeça,
lá vai seguindo à pressa
p'ra a ribeira.

Chega, põe-se a lavar.
Torce-que-torce,
põe as roupas louçãs*,
branquinhas como a neve.
E fugindo, a coaxar,
pincha-que-pincha,
mergulham na água as rãs,
qual delas a mais leve.

No entanto, à ribeirinha
mais moças, depressinha,
chegando estão.
E sôbre as pedras lisas
nas saias e camisas
põem sabão.

E agora as lavadeiras,
bate-que-bate,
com os pés dentro da água
a roupa vão batendo,
e as agüinhas ligeiras,
canta-que-canta,
beijando campo e frágua *,
lá vão p'ra o mar correndo.

E enquanto vai subindo
o Sol formoso e lindo,
dourando o ar.
as lavadeiras vão
e estendem pelo chão
roupa a corar.

E as raparigas
cantam cantigas
cheias de graça
e de harmonia;
e o tempo passa
e passa o dia,
e elas cantando,
e elas lavando.

E agora a roupa
de linho ou estôpa
já está branquinha;
e tôda a anágua *
com sol e água
foi coradinha.

E as lavadeiras *,
leves, fagueiras,
cêsto à cabeça,
voltam p'ra a aldeia
e vão depressa
fazer a ceia.

Conte esta história

Os homens não se medem aos palmos

Todos têm visto como os lojistas medem os panos, as fitas, etc., que os fregueses vão comprar-lhes. Servem-se geralmente de uma régua, a que dão nome de *metro*. Com o comprimento dêle comparam o comprimento daquilo que os fregueses lhes pedem.

O *metro* serve, pois, para *medir:* o metro é uma *medida*.

Mas às vezes precisamos medir, sem grande rigor, certos comprimentos: — um pau, um fio, os lados de um caixote, etc. E como nem tôda a gente traz consigo o metro, serve-se, por exemplo, de uma medida chamada *palmo*.

Vamos ver o que isso é:

Olhe cada um para a sua mão direita: tem, como todos sabem, cinco dedos desiguais. Cada um dêles tem o seu nome:

POLEGAR, o mais grosso e o mais curto de todos;

INDICADOR, com o qual *indicamos* ou apontamos as coisas;

MÉDIO, o mais comprido;

ANELAR, no qual principalmente se usam os anéis;

MÍNIMO, o mais pequeno de todos.

Agora abram a mão, afastando os dedos o mais que possam. Assim:

Se tiverem a ponta do dedo mínimo e a do polegar cobertas de pó de giz, e assentarem assim a mão aberta no quadro prêto, ficarão dois sinais que corresponderão às cabeças dos mesmos dedos e indicarão a distância entre elas.

Essa distância é um *palmo*.

Para se medir a palmos faz-se assim [1]:

... ...

Meça cada um a sua carteira, a palmos.

Acham certa esta medida?

¿Que defeito notam nesta maneira de medir?

Venha um menino medir o comprimento dêste ponteiro... Quantos palmos tem?

Agora vou eu medir o mesmo ponteiro. Vão contando... Tem os mesmos palmos?

E se fôr medido por uma pessoa que tenha a mão maior do que a minha, que acontecerá?

Já vêem que o palmo não é uma medida certa, isto é, fixa. Varia ou faz diferença, conforme o tamanho da mão.

---

(1) O professor exemplificará.

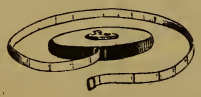
Com outras medidas não acontece isso : o metro de que falamos é igual, no comprimento, em tôdas as lojas, na nossa terra e nas outras.

Dizer que *os homens não se medem aos palmos* quere dizer que não é pelo tamanho das pessoas que devemos avaliar o seu merecimento, o seu préstimo ou o seu valor.

Algumas são bem pequenas de corpo — baixas, acanhadas, fracas, — e, todavia, têm grande merecimento pela sua inteligência, pelo seu saber ou pelas suas boas qualidades.

Quando virmos uma pessoa desconhecida, ainda que ela tenha má aparência de corpo, isto é, seja acanhada, pequena, mal conformada, não julguemos só por isso que ela não tem merecimento. Pode, pelo contrário, ter muito valor, ser muito útil.

E o que acontece com as pessoas dá-se também com as coisas: apesar de pequenas, podem ter muita utilidade. É o que sucede com a *agulha,* de que vou falar-vos a seguir.



Diga o nome de qualquer objecto que, embora pequeno, seja útil.

AGULHA

Pequena em tamanho, como é grande em utilidade esta delgada e pequenina haste de metal!

Luzidia e brilhante, com uma das pontas muito aguda e um orificiozinho na outra, é tal a sua utilidade que não poderíamos dispensá-lo.

Apesar do seu baixo preço e da pequena importância que geralmente se lhe dá, a pequenina agulha é indispensável tanto na casa do pobre como na do rico. A sua utilidade manifesta-se durante tôda a nossa vida.

Sem ela não podiam ser feitos os fatinhos que agasalham as crianças nem os abafos com que os velhinhos se resguardam, conseguindo resistir aos frios do inverno.

Com elas se fazem desde os fatos mais modes-

tos, baratos e pobres até aos mais caros, ricos e luxuosos.

Com ela se fazem muitos e variados trabalhos de costura, para nossa comodidade.

É com ela que tôda a mãe pobrezinha, mas arranjada, cose, remenda, conserta os modestos fatos de seus filhos e de seu marido.

Com ela prega os botões que os filhos, tantas vezes por desmazêlo, perdem ou arrancam.

Pequena em tamanho, ¡ como é grande em utilidade a agulha !

Onde se guardam as agulhas? Para quê?

¿Como se chamam os homens que, no seu ofício, se servem da agulha?

¿Para que se pregam as agulhas em almofadinhas?

¿Sabe como se chamam essas almofadinhas?

¿Como se chamam as mulheres que, no seu ofício, se servem muito da agulha?

¿Onde é que sua mãe guarda as agulhas?

O meu pião

Muito gosto de atirar
com a guita o meu pião
e apanhá-lo a rodar
assim na palma da mão.

Muito gosto eu de ver,
quando entro num desafio,
a «dormir» ou a correr,
a correr num rodopio*.

Gosto de vê-lo no chão,
a rodar e a correr:
quero muito ao meu pião,
que me dá grande prazer.

Ensinou-me o professor,
outro dia na lição,
que *a Terra gira também*
como um enorme pião.

ERA UMA VEZ...

Era uma vez
um valente português...
—Mas, paizinho, ¿é uma história
o que vai contar-me? diga:
—Talvez seja, sim, talvez,
e uma história bem antiga.
Ora escuta: O português
de quem eu ia a falar,
era audaz navegador,
mas uma vez teve mêdo...
—Mêdo, pai? De quê? De quem?
—De passar o Bojador.
—Mas o que era isso? ¿Alguém
que fazia mal à gente?
—Não, meu filho; era um cabo
do africano continente,
para além do qual, jamais
ninguém vira ainda o mar.
—¿Mas que riscos, que perigos
havia lá que passar?
—Os mesmos de tôda a parte.
Mas, olha, embora sem arte
eu te explico:
Diz a lenda
que houve tempo, não sei quando,
em que um outro continente
existiu onde hoje a gente
vê o Atlântico Oceano.

—Quando? Como? ¿Por que modo
desapar'ceu êle um dia?
—Ninguém sabe, filho. Quem
vivia nêle, por certo
desapareceu também,
ficando tudo deserto
no meio do turbilhão.
Que terá acontecido?
¿Que fôrças ocultas houve
que as águas terão erguido
e fizeram submergir
povoações, montes e serras,
estendendo sôbre as terras,
do mar tôda a vastidão?
Ninguém sabe, mas o horror
que de si deixou lembrança,
foi dos povos o pavor,
criando a terrível lenda
que fêz do *Mar Tenebroso*
uma passagem tremenda.
—E essa lenda, pai, qual era?
¿Era coisa tão medonha
que de confessar seu mêdo
não houvesse alguém vergonha?
—Ouve e espera.
Segundo ela, rios em fogo,
monstros horrendos, medonhos
apar'ciam sôbre as águas,
e fantasmas gigantescos
com olhos côr de carvão,

quando em lume está a arder,
havia lá nesse mar
em perpétua escuridão.
Só ousaria, portanto,
afrontar perigos tais
quem fôsse a morte buscar
ou quisesse converter
sua vida em dor, em ais.
—Tal era a voz que corria
nesses tempos, e se cria.
Pois o português,
de quem vínhamos falando,
tenta uma primeira vez
passar suas caravelas
além dêsse mar. Em vão.
Furiosa, a água rugia,
e no céu fitas de fogo
cortavam a negridão.
—Senhor Deus! Santa Maria!
clamava a tripulação,
cheia de mêdo e terror.
E o furor da tempestade
continuava a crescer tanto
que a marinhagem, em pranto,
não cessava:—
Piedade!
ouvi nossa humilde voz,
Senhor Deus, Santa Maria,
tende piedade de nós!
E o pavor tornou-se tal

que as naus voltaram em busca
das costas de Portugal...

Passaram meses. De novo,
a pedido do Infante
lá voltam as caravelas,
prometendo o comandante
que ou o cabo passaria
ou a vida perderia.
E passou. E o véu de mêdo
que envolvia os marinheiros
logo é desta vez rasgado
e dêsse *Mar Tenebroso*
é devassado o segrêdo.
E depois, seguindo avante
e desembarcando em terra,
o valente comandante
vai colher com alegria
lindas florinhas do campo,
flores de Santa Maria
que há-de trazer ao Infante.

— Filho, quer's saber agora
quem foi êsse herói audaz
que abriu à navegação
as portas de além do mar,
e deu à nossa nação
honras, fama, nome e glória?
GIL EANES foi seu nome,
conserva-o bem na memória.

FEZ-SE o perfume p'r'a flor,
o peixe para nadar,
o homem para o trabalho
e a ave para voar.

Não se prenda quem é livre:
não se pratique a maldade
de fechar numa gaiola
quem nasceu p'r'a liberdade.

Leia o que se segue, só para si, o mais ràpidamente possivel e com atenção, respondendo depois

Marcela não teve aula, porque era dia feriado. Estava o tempo lindo e ela foi com a mãe para o campo. Sentaram-se à sombra de uma árvore. A Marcela lembrou-se de apanhar borboletas com o chapéu de palha. Viu uma muito bonita e correu atrás dela. Não reparou numa vala, com água, e caiu. A mãe foi logo buscá-la e levou-a depressa para casa.

Porque é que Marcela caiu? ¿Porque é que a mãe a levou depressa para casa?

A SAÚDE

S pessoas, como os outros animais, estão sujeitas a doenças. Quando adoecemos, é que avaliamos quanto vale a saúde, isto é, como somos felizes, quando não estamos doentes.

Devemos todos fazer a maior diligência por conservar a saúde, evitando tudo o que nos possa fazer mal.

Ninguém está livre de adoecer; mas está muito mais sujeito a isso quem não tiver cuidado bastante consigo.

A pessoa que adoece deve consultar o médico e cumprir á risca o que êle aconselhar. Se não há-de seguir as indicações dêle, melhor é que o não chame.

O médico, depois de observar o doente, faz, em geral, uma receita. Fazer a receita é escrever num papel os nomes dos medicamentos ou remédios e as porções de cada um.

Os remédios compram-se na *farmácia* ou *botica*; e quem os prepara e vende é o *farmacêutico* ou *boticário*.

Não pode vender remédios qualquer pessoa: é preciso estudar muito para se chegar a ser farmacêutico. Tinha de ser assim, porque o lugar é de muita responsabilidade. Qualquer troca de re-

médios ou um pequeno engano nas porções dos mesmos pode causar a morte do doente.

As pessoas que não podem ser tratadas em casa, ou por serem pobres ou pela qualidade da doença, são tratadas nos *hospitais*, onde os pobres nada pagam, o que é para êles um grande benefício.

Há também *casas de saúde* para pessoas que podem pagar o tratamento.

Algumas doenças são muito contagiosas, quere dizer, pegam-se com muita facilidade.

As pessoas atacadas destas doenças são tratadas em hospitais próprios.

¿Qual é a farmácia mais próxima daqui?
Conhecem algum farmacêutico?
Sabem o nome de algum médico?
Já estiveram doentes? O que sentiam?
Custou-lhes muito? Que remédios tomaram?

Que horas são neste relógio?

OS TAPÊTES E AS RENDAS

A Hirondina ouvira muitas vezes a mãe falar nas rendas de rebôlo ou bilros, possuía algumas muito finas em sua casa, mas nunca as vira tecer, até que um dia teve êsse prazer, quando foi visitar uma sua amiguinha, que trabalhava admiràvelmente nessas rendas.

E, naturalmente curiosa e amiga de aprender, seguia atentamente os dedos da sua amiguinha, que mudavam os bilros com uma rapidez espantosa, e achava encantador como, ao mesmo tempo, sôbre o rebôlo, com muitos alfinêtes espetados de certo modo, a renda, uma renda finíssima e linda, ia pouco a pouco tomando forma.

Interessando-se mais pelo assunto, a Hirondina veio a saber que em Portugal muitas mulheres e raparigas do nosso bom povo fazem essas rendas, que tanto enfeitam as roupas bran-

cas, os lindos cortinados que se põem nas janelas e tantas outras coisas com que uma boa dona de casa torna atraente o lar.

Têm fama, principalmente em Portugal, as rendas de Peniche, Nisa e Vila-do-Conde, e os bordados da ilha da Madeira.

Uma outra indústria caseira, também notável em o nosso país, é a dos tapêtes, à fabricação dos quais se entregam muitas mulheres. Têm merecida fama os tapêtes de Arraiolos e Beiriz.

Tanto as rendas como os tapêtes são lindos adornos, mas convém que andem sempre muito asseados, por causa das poeiras que se lhes introduzem e são nocivas à saúde.

Os cinco dedos da mão

—

Nós temos em cada mão
cinco dedos desiguais:
um maior, dois mais pequenos
e outros dois ainda mais.

É vê-los em seu trabalho:
que harmonia e perfeição!
Mexe um? Logo os outros todos
o seu auxílio lhe dão.

E quando o *indicador*
mostra aos outros o caminho,
— Vamos — diz o *pai de todos*,
e lá vai tudo unidinho.

Mais fidalgo, o *anelar*
quási sempre anda enfeitado.
Mas ai do pobre *meiminho*,
se não lhe andasse encostado!

Porém, o mais cuidadoso
é o dedo *polegar*.
Nada os outros fazem, nada,
que os não vá logo ajudar.

— Mas, por que razão, (pregunta
a Laurinha um dia à mãe)
sendo todos diferentes,
se dão entre si tão bem?

— Minha filha, diz-lhe a mãe,
é para nos ensinar
que uns aos outros, neste mundo,
nos devemos ajudar,

e que bem feliz seria
certamente a humanidade,
se por tôda a gente fôsse
praticada esta verdade.

Leia o que se segue, só para si, o mais ràpidamente possivel, e com atenção, respondendo depois

Um rapazito foi com os irmãos para o campo. Brincaram bastante. Como havia muita erva, lembraram-se de apanhar um grande braçado dela para os coelhinhos que a mãe tinha em casa. Se êles tivessem um baraço com dez centímetros de comprimento, poderiam atar o molho de erva? Porquê?

JESUS

JESUS, o Verbo da Verdade, do Bem e do Amor, veio ao mundo ensinar uma nova doutrina muito diferente da que até então era seguida.

Eis alguns dos seus preceitos:

—*Amai-vos uns aos outros.*

—*Amai a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a vós mesmos.*

—*Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam.*

—*Perdoai as ofensas aos vossos inimigos.*

Se estes preceitos do Divino Mestre fôssem cumpridos à risca por todos, a humanidade seria bem menos infeliz, porque haveria amor em vez de ódio, perdão em vez de vingança, generosidade em lugar de opressão, humildade em vez de soberba, paciência em lugar de ira.

Prègou Jesus também a paz e a fraternidade humana, isto é, o auxílio dos homens entre si, como se fôssem bons irmãos.

¡ Que felizes seríamos, se todos seguíssemos tão salutares conselhos !

Quem era então Jesus Cristo ?

João de Deus, o singular poeta do amor e das

crianças, responde a esta pregunta, em versos simples e primorosos, contando-nos a maneira como certa mãe ensinou a seu filho, de tenra idade, quem é Jesus.

—Minha mãe, quem é aquêle
pregado naquela cruz?
—Aquêle, filho, é Jesus,
é a santa imagem dêle.

—E quem é Jesus?—É Deus.
—E quem é Deus?—Quem nos cria,
quem nos manda a luz do dia
e fêz a terra e os céus.

E veio ensinar à gente
que todos somos irmãos
e devemos dar as mãos
uns aos outros irmãmente.

Todo amor, todo bondade...
—E morreu?—Para mostrar
que a gente pela Verdade
se deve deixar matar.

O môço rico

UM môço muito rico chegou-se um dia a Jesus e preguntou-lhe:

—Que devo fazer, Mestre, para ganhar a vida eterna?

Jesus respondeu:

—Se queres ganhar a vida eterna, guarda os mandamentos.

—E que mandamentos devo guardar?

—Amarás o Senhor teu Deus; honrarás pai e mãe; não matarás; não roubarás; não levantarás falsos testemunhos.

E o môço tornou:

—Todos, desde menino, tenho guardado. Que mais devo fazer, Mestre?

Jesus então olhou para êle com ternura e disse-lhe:

—Uma coisa te falta. Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu.

Depois o Mestre voltou-se para os discípulos e disse-lhes:

—Em verdade vos digo que é muito difícil entrar um rico no reino do céu. É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino do céu.

Com isto referia-se Jesus principalmente àquêles que, tendo de seu muitos bens e riquezas, se esquecem de que devem socorrer os pobres.

CONTE ESTA HISTÓRIA

A VELHINHA

UMA vez uma velhinha
quási cega, coitadinha,
e já mal podendo andar,
encostada ao seu bordão,
sempre olhando para o chão,
ia na estrada a passar.

Ouvindo um cão, que ladrou,
a pobrezinha parou,
olhando em roda, assustada.
Quis fugir, não conseguiu,
tentou correr, mas caíu
a pobrezinha, coitada!

Nisto surge uma menina,
viva, formosa, ladina,
que, ao vê-la cair no chão,
correu logo pressurosa*,
condoída e carinhosa
e à velhinha deu a mão.

—Eu a levanto, avòzinha,
e a levo à sua casinha.
Onde lhe dói? O que tem?
Diga, que eu vou já buscar
qualquer coisa p'ra a curar,
vou pedir à minha mãe...

—Não foi nada, meu amor,
tu és um anjo, uma flor.
Ajuda-me só a andar.
Deus pague a tua bondade,
com muita felicidade!—
disse a velhinha a chorar.

Prof.ª Aurora Costa e Silva.

Que horas são

neste relógio?

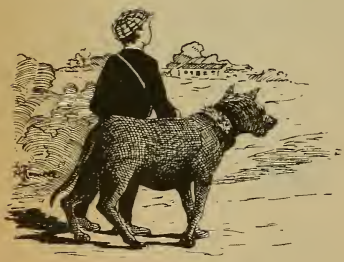
O lôbo e o cão

Luís era filho do senhor José da Paz, que morava num casal *, longe do povoado.

Queria aprender a ler e, por isso, ia todos os dias logo pela manhã, todo contente por aí fora, até à aldeia próxima, onde ficava a sua escola.

Por causa dos lôbos que havia por aquêles sítios, levava sempre consigo o seu cão de guarda, que tinha o nome de *Pilôto,* muito grande e muito valente, com a coleira de ferro cheia de bicos.

O cão brincava com todos os meninos ao recreio, de todos se mostrava grande amigo, agradecendo com muitas festas os bocadinhos de pão que lhe davam e, acabada a aula, acompanhava sempre o dono até ao casal.



Ora uma tarde, em janeiro, ao voltar Luís da escola, quási ao cair da noite, avistou no meio da estrada um grande lôbo e começou a gritar.

Não havia casas perto, ninguém ouviu tais gritos e o lôbo, cheio de fome, correu para Luís.

Já o menino se sentia perdido, quando, feliz-

mente, lhe apareceu o *Pilôto*. Animou-se, gritou ao cão, e daí a pouco êste lutava com o lôbo, dando tempo a Luís para fugir a uma morte certa.

Já o menino estava em casa, quando o valente *Pilôto* apareceu cheio de dentadas e coberto de sangue.

Tôda a família de Luís correu para o *Pilôto,* e os pais do menino, tratando das feridas ao valente animal, choravam de alegria, abraçados ao cão amigo, que tinha livrado Luís de morte certa.

No dia seguinte, o caso foi sabido na escola, e o professor disse tais coisas aos seus alunos que alguns dêles choraram, e todos dali em diante ficaram sendo muito amigos dos cães, que sempre foram bons companheiros dos homens e das crianças.

Os dois ângulos de um **N**,
já se vê, agudos são:
os de um **T** *ou de um* **H**
¿de que espécie é que serão?

O PÃO

OBSERVEMOS o pão que hoje trouxeram para o lanche.

Digam-me: de que côr é êle? Sendo de milho, seria amarelo ou branco, não é verdade?

—Branco?—exclamou o Pedro, muito admirado.

—Branco, sim: há muito milho branco no nosso país, embora predomine o amarelo.

O professor continuou:

—Sabem muito bem que a *côdea* do pão é a parte que fica por fora ou no exterior.

—Se a côdea fica no *exterior* é porque o miolo fica no *interior*.

—É verdade: e se o miolo é a parte *interna* do pão, a côdea deve ser a parte *externa*.

—Vejam se o miolo tem buracos.

A observação foi rápida, e a informação também.

Uns tinham, outros não: uns eram pequenos, outros grandes.

—¿E o que é que será mais conveniente—ter ou não ter êsses buracos?

As respostas foram desencontradas, e o professor disse que o melhor pão de trigo era aquêle que tinha grandes buracos no miolo. Isso era sinal de que estava bem cozido e de que era feito só com farinha de trigo.

Dirigindo-se depois ao Luís, preguntou-lhe quem é que tinha comprado o seu pão e a quem. O Luís respondeu que tinha sido êle mesmo quem o comprara ao *padeiro*.

O professor explicou então que êsse *padeiro*, vendedor de pão, talvez não fôsse o mesmo que o tivesse feito; e que se dá o nome de *padeiro* tanto ao *fabricante* como ao *vendedor* do pão.

II

Depois de se informar de que o pão inteiro custara 2$, o professor preguntou a todos quanto teria gasto o Luís, se tivesse comprado meia dúzia de pães iguais. Alguns alunos responderam bem e sem demora.

O pão custou dinheiro: êsse dinheiro foi ganho por alguém...

—Foi ganho por meu pai, em paga do seu trabalho—disse o Luís.

— O meu foi ganho por minha mãe — disse por sua vez o Valentim, que era órfão de pai.

— Então se o pai do Luís *trabalha*, é *trabalhador*. E a mãe do Valentim o que é?

— *Trabalhadeira* — disseram alguns.

— O Luís decerto gosta de seu pai, como o Valentim de sua mãe. Têm motivos para isso.

Todos os meninos gostam de seus pais, não é verdade?

— Sim, sr. professor....

— Gostaria que me dissessem porquê...

III

O pão faz-nos muita falta.

— Todos os dias comem carne? E peixe? E ovos? E feijão?

As respostas foram negativas.

— ¿Que sucederia, se comessem sempre carne ou sempre a mesma qualidade de peixe ou sempre ovos ou sempre feijão?

— Aborrecíamos essas comidas. Enjoávamo-nos, a ponto de já não podermos continuar a comê-las.

— Havia ainda outros inconvenientes. Digam-me agora: todos os dias comem pão?

A resposta, desta vez, foi afirmativa.

— ¿E já se aborreceram ou já enjoaram o pão alguma vez?

—Não, sr. professor—responderam todos.

—Não me admiro. É que desde pequeninos fomos habituados a êle, de tal modo que o não podemos dispensar, considerando-o o nosso principal alimento.

Trabalhador quere dizer que.....
Falador » » » .....
Roedor » » » .....
Caçador » » » .....

Que horaas são *neste relógio?*

Há muita gente curiosa que, tendo, aliás, muito que fazer, não tem dado por mal empregado o seu tempo estudando o viver das formigas, em seus mais pequenos pormenores.

Não falta quem lhes negue a menor parcela de inteligência e quem lhes atribua esperteza superior à de muitas pessoas crescidas.

Há uma enorme variedade, desde a minúscula e vulgaríssima formiga caseira, que tudo invade —comidas, fruteiras e açucareiros—até à formiga dos campos, de tão diversos tamanhos e costumes.

Tôdas as espécies vivem, porém, em sociedade, e tudo parece indicar que os formigueiros não têm chefes, embora já se tenha afirmado, certamente por graça, que formigas há em certos pontos do globo, que escolhem os chefes, que têm exércitos disciplinados, os quais, no entanto, só utilizam as armas que a natureza lhes deu.

Mas, seja como fôr, todos os naturalistas* estão de acôrdo em que tôdas elas têm qualidades de trabalho e de perseverança* que se não

encontram em qualquer outro animal, sem excluir o homem.

Pega a formiga num grão, muitas vezes maior do que ela; teima em o conduzir sòzinha por cima de um obstáculo, deixa-o cair, uma, duas dúzias ou duas centenas de vezes, e acaba quási sempre por vencer, levando-o triunfante até ao celeiro, mormente se encontra aquêle carreirozinho, espécie de macadame * que vai ter ao formigueiro e que não raro mete obras de arte, desde as pontes aos túneis.

Leia o que se segue, só para si, o mais ràpidamente possivel e com atenção, respondendo depois

O Alexandre foi passear para a praia. Sentou-se na areia. Descansadamente olhava para o mar. Via passar os navios a distância e seguia-os com a vista. As barcas dos pescadores vinham chegando. Baloiçavam muito, porque as ondas eram enormes e parecia que as embarcações iam voltar-se. De repente, as mulheres que na praia esperavam os pescadores começaram a gritar e a chorar, e o barco salva-vidas seguiu para o mar sem demora.

Que teria acontecido?

O engenho das formigas

Conta-se que alguém se divertiu um dia, metendo dentro de um frasco de vidro uma pequena formiga, a qual, por mais voltas que desse, não foi capaz de encontrar um pequeno orifício, existente no frasco, por onde poderia sair; mas porque o mesmo observador fêz entrar por êsse orifício uma outra formiga, daí a pouco encontraram-se as duas, e não tardaram em sair ambas do frasco.

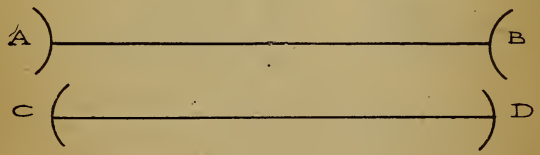
No verão, por ocasião das debulhas, costumam aparecer pelas eiras umas formigas escuras, de cabeça muito grande, as quais, à hora do calor, se recolhem aos formigueiros, mas que, de noite ou quando o Sol as não incomoda, trabalham afanosamente, a ponto de, em uma só noite, serem capazes de transportar para o celeiro ou para junto dêle, dois ou três litros de cereal: — aveia, trigo, centeio ou cevada.

É curiosa a maneira como os lavradores destróem essas formigas. Molham, em saliva ou em água, a ponta de uma palhinha, a que fazem aderir algum sublimado corrosivo * em pó, tocam com êsse veneno a cabeça de algumas formigas e, momomentos depois, tôdas elas se envolvem numa guerra feroz, que só acaba com a morte do último vivente do formigueiro, não durando êste combate, tão encarniçado como singular, mais de uma hora.

Outras formigas há que são o flagelo* das árvores, formigas pequeninas que tudo estragam, fôlhas, flores e frutos. Existe no mercado uma substância pegajosa que, estendida, em forma de anel, no tronco das árvores, evita que as formigas passem. Pois essas pequenas formigas chegam, pacientemente, a colocar, um a um, grãozinhos de terra por sôbre o obstáculo, conseguindo, assim, ao cabo de alguns dias de trabalho porfiado, arranjar uma estrada por onde tôdas passam: as que estavam em cima, ansiosas por descer, e as de baixo, desejosas de subir.

¡E digam lá que as formigas não são inteligentes!

Uma formiga foi de A *para* B, *seguindo a recta. Outra foi de* C *para* D *também por cima da recta.*



Diga já: qual das duas andou mais?

Meça e diga quantos milímetros é que uma andou mais que a outra.

A vaca é a fêmea do boi e, como êle, bons serviços nos pode prestar, puxando carros, charruas, noras, etc.

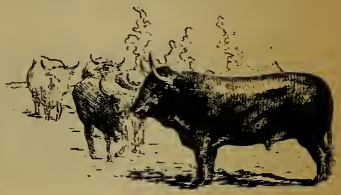
Fornece-nos ela o leite, que é um alimento nutritivo, indispensável para muitos doentes e até na alimentação de algumas criancinhas, quando suas mães não têm leite próprio. Do leite de vaca se fazem ainda belíssimos queijos e saborosa manteiga.

As crias das vacas têm o nome de *bezerros* ou *vitelas*, e a carne dêstes animais, por ser bastante tenra, é muito apreciada, vendendo-se por mais alto preço que a carne de boi ou de vaca.

A vaca é quási sempre menos corpulenta que o boi, dispondo, por isso, de menos fôrça que êle, nos variados serviços agrícolas que nos presta. Ainda assim, duas vacas regulares têm geralmente

fôrça para arrastar um pêso que oito ou dez homens mal seriam capazes de mover.

Há vacas de diferentes raças. Em Portugal criam-se, além de outras, umas vacas especiais, de raça *turina*, quási tôdas de pele branca, malhada de prêto, de chifres muito curtos, que são as que mais lucro dão, na produção de leite. As vacas *jarmelista* e *barrosã*, assim chamadas porque a primeira é natural da região do Jarmelo, próxima da Serra-da-Estrêla, e a segunda porque provém da região do Barroso, proximidades de Montalegre, são muito apreciadas pela abundância e boa quantidade do leite que produzem.



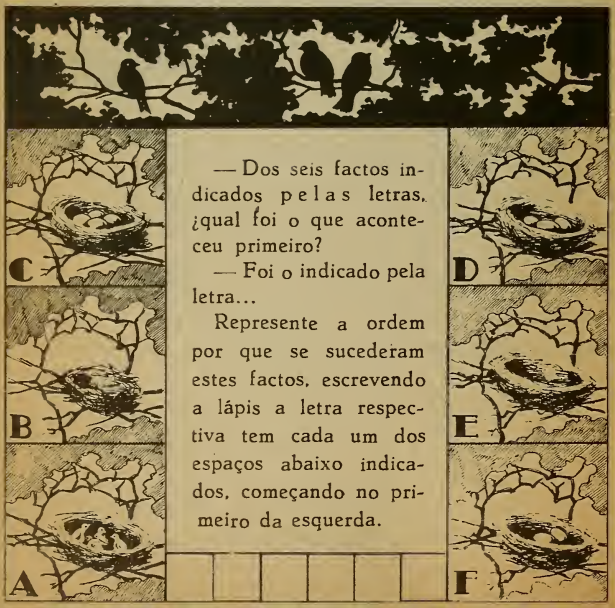
Uma desta vacas, de tamanho regular e razoàvelmente tratada, pode fornecer leite durante seis meses seguidos, dando a média de 15 litros por dia.

Há ainda as *vacas bravas*, quási tôdas pretas, que se não deixam mungir e que são rebeldes a todo o trabalho agrícola. Criam-se sòmente para produzirem bois bravos, a que se dá o nome de *touros*, utilizados no bárbaro e condenável divertimento das touradas, em que tanto fazem sofrer os pobres animais.

As vacas de tôdas as raças fornecem-nos ainda a carne. para nossa alimentação; a pele que, de-

pois de preparada, se converte em sola, de que se faz o calçado; os chifres e os ossos, de que se fazem botões, cabos de facas, de canivetes, de garfos, etc.

¿Que faria o menino, se encontrasse na rua uma criancinha a chorar, por se ter perdido da pessoa que a acompanhava?



— Dos seis factos indicados pelas letras, ¿qual foi o que aconteceu primeiro?

— Foi o indicado pela letra...

Represente a ordem por que se sucederam estes factos, escrevendo a lápis a letra respectiva tem cada um dos espaços abaixo indicados, começando no primeiro da esquerda.

A FARINHA

Num dos recreios, o Alexandre, aluno da 4.ª classe, comia o seu lanche, constituído por um pedaço de pão escuro, queijo e uma pequena maçã.

—¿De que é feito o teu pão?—preguntou-lhe o Carlos, seu companheiro de carteira.

—De trigo—disse o Alexandre.

—De trigo? Deve haver engano: de trigo é o meu e, como vês, é muito mais branco.

—É porque há trigo claro e trigo escuro, talvez—concluíu o Alexandre.

O Paulo, que ouvira o diálogo, meteu-se na conversa e disse:

—Estive o ano passado em casa do meu avô, no Alentejo, e só vi trigo de uma qualidade, lá na *eira*. Apesar disso o pão que faziam era de duas qualidades, sendo o mais escuro destinado aos criados.

— Como será isso então? — preguntou o Alexandre.

— Não sei — disseram ao mesmo tempo o Paulo e o Carlos.

— Mas temos meio de o saber. O nosso professor gosta muito de que lhe façam preguntas. Vamos ter com êle.

Foram. O professor disse-lhes:

— Da melhor vontade os esclarecerei. Mas, como êste recreio está a findar, é melhor esperarem um poucochinho. Lá na aula lhes ensinarei o que ignoram.

Assim, tôda a classe aprenderá, pois é possível que mais algum aluno saiba tão pouco disso como os meninos. Guardem um pedacinho de cada qualidade de pão.

Os três pequenos agradeceram e retiraram-se.

Pouco depois acabou efectivamente o recreio.

A CÔR DO PÃO

Quando os alunos se sentaram, o professor chamou o Paulo, o Carlos e o Alexandre e, dirigindo-se a tôda a classe, disse:

—Estes três meninos preguntaram-me, há pouco, a razão por que o pão do Carlos e o do Alexandre não eram iguais na côr. Guardei a explicação para agora, a fim de que todos a oiçam e todos fiquem sabendo o mesmo.

Aqui estão dois pedacinhos de pão de ambas as qualidades... Quem sabe dizer-me ¿ porque é que não são iguais na côr?

—Sei eu, sr. professor—disse o Arnaldo com muita convicção. —É porque um é feito de trigo, outro de centeio.

Alguns alunos sorriram-se, mas o professor disse-lhes:

—Êsse riso é descabido. Já sabem que eu não gosto de que se riam dos desacertos dos outros. Ainda mesmo que todos soubessem responder ao que preguntei, menos o Arnaldo, êsse riso não seria generoso. Muito menos o é desde que nenhum sabe responder.

Além disso, a resposta do Arnaldo não é desacertada. Já viram pão de centeio?

—Eu já vi—disseram alguns alunos.

—Eu tenho comido muitas vezes—acrescentaram outros.

—É geralmente escuro, como sabem. Portanto, o Arnaldo não disse nenhuma tolice.

—Que é isto?—preguntou o professor, mostrando as sementes que tirara de um frasco de vidro transparente.

—É trigo—responderam alguns.

—São sementes ou grãos de trigo. Vejam bem. Os grãos foram passando de mão em mão e por fim o professor disse:

—Agora vamos esmagar alguns em cima da soleira da porta, servindo-nos dêste martelo.

Assim se fêz, e todos viram o pó branco que daí resultou.

—Olha, olha! É farinha—disseram alguns admirados.

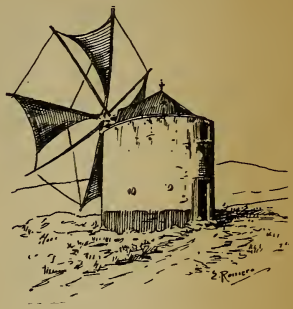
—É verdade. A farinha de trigo provém dos grãos de trigo reduzidos a pó. Não é, porém, assim que se costuma fazer. Os grãos são moídos entre duas pedras com êste feitio, mas grandes, com um metro ou mais de diâmetro. A de baixo é fixa e a de cima gira sôbre a primeira.

As casas em que isso se faz chamam-se *moinhos* ou *azenhas* que são movidas pela fôrça da água corrente. Alguns moinhos são postos em movi-

mento pela fôrça do vento e chamam-se por isso *moinhos de vento*. Já viram algum?

Ouvindo esta pregunta, muitos alunos responderam:

—Eu já vi, eu já vi.



E cada um começou a dizer, ao mesmo tempo que os outros, quando e onde tinha visto um moinho de vento.

—Bem: ¿então quem é capaz de desenhar o moinho que viu?

Todos foram desenhar ao mesmo tempo.

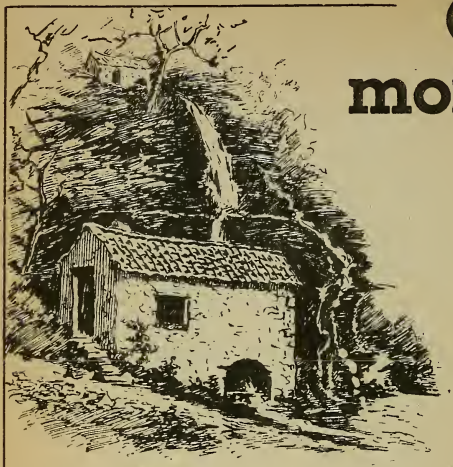
No fim dêsse trabalho, que foi julgado pelos alunos e pelo professor, êste quis também desenhar um, que o Júlio disse ser tal qual o que êle tinha visto.

—¿E êsse moinho estava num alto?

—Estava no cimo de um outeiro.

—O que eu vi também estava num alto—disseram outros alunos.

—Cantemos agora a «Canção do Moinho».



O moinho

Moinho que estás cantando
a tua velha canção,
contente, porque vais dando
farinha p'r'o nosso pão...

Gira o rodízio
sem descansar,
envolto em espuma
côr do luar,

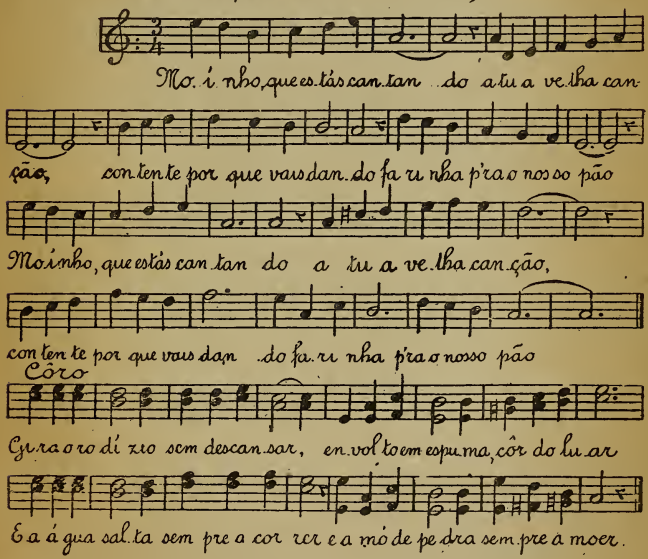
e a água salta
sempre a correr...
e a mó de pedra
sempre a moer...

Abençoado e fecundo,
bem haja o teu trabalhar,
que dá alimento ao mundo,
que leva a alegria ao lar.

Gira o rodízio
sem descansar,
envolto em espuma
côr do luar,

e a água salta
sempre a correr...
e a mó de pedra
sempre a moer...

Canção do Moinho



Socorramos os pobres

CUMPRE a quem é rico, ou mesmo remediado, auxiliar os pobres.

Ser pobre não humilha ninguém. Há até pobres bem dignos da nossa estima, da nossa protecção: são os bons chefes de família que, trabalhando todos os dias, ou aquêles que, por falta de saúde, nada podem fazer, lutam com dificuldades para se manterem a si e aos seus.

Dar de comer a quem tem fome e vestir os nus são velhos preceitos cristãos que não devem andar esquecidos pelos ricos e remediados da nossa terra, onde, louvado Deus, nunca faltaram os bons corações.

O Estado-Novo vem dando o exemplo de bem-fazer.

É no inverno que a falta de trabalho, principalmente nos campos, mais se sente; é no inverno que a fome e o frio mais atingem a casa dos pobres.

Pois bem: é também no inverno que o Estado-Novo leva, desde a cidade à aldeia, a sua protecção ao lar humilde dos pobrezinhos, mandando dar-lhes, por intermédio das corporações administrativas locais, pão e agasalho.

Êste facto, bem digno de ser conhecido das crianças das escolas e de tôdas as outras, é tanto mais para louvar, quanto é certo que, até ao govêrno do Estado-Novo, nunca os dinheiros da Nação tinham chegado para assim ajudar a viver os desprotegidos da fortuna, nas suas horas de miséria.

Bem haja, por isso, quem pratica o Bem.

Quem dá aos pobres empresta a Deus.

O MAIS FORTE

CERTO dia, um menino brasileiro estava com sua mãe, junto do mar, brincando na praia.

Reparou no incessante movimento das águas e na enorme extensão do mar, tão grande que lhe não via o fim.

Observou, com admiração, como se formavam as ondas inquietas e revôltas, que ora se entrechocavam com grande fragor, ora vinham desfazer-se em espuma na branca areia da praia. E porque sabia já que o vento é que forma as ondas, ficou a meditar na grande fôrça do vento e na grande extensão do oceano, pensando lá consigo que nada poderia igualá-las.

Dirigindo-se a sua mãe, que estava perto, disse-lhe o que pensava. Ela, porém, sorrindo, afirmou-lhe que havia um ser mais potente que o vento e que o mar — era *Deus*.

Passaram anos.

O menino fêz-se homem; e um dia, recordando o ensinamento que sua mãe lhe dera na infância, escreveu os seguintes versos, que nunca mais me esqueceram, desde que os li pela primeira vez:

Eu me lembro, eu me lembro... Era pequeno
e brincava na praia. O mar bramia
e, erguendo o dorso altivo, sacudia
a branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:
—¿Que dura orquestra, que furor insano,
que pode haver maior que o oceano
ou que seja mais forte do que o vento?

Minha mãe, a sorrir, olhou p'r'os céus
e respondeu: — Um ser que nós não vemos
é maior do que o mar que nós tememos,
mais forte que o tufão, meu filho: — é Deus.

Chamava-se Casimiro de Abreu o autor desta formosa poesia, que vale a pena ser decorada — tão linda ela é.

OS COELHOS

meu vizinho Davide tem na quinta uma grande coelheira. Outro dia convidou-me para ir com êle. Fui e gostei muito de ver. Havia lá mais de vinte coelhos, uns maiores e outros mais pequenos, uns brancos, outros pardos, outros malhados, eu sei lá...

Quando chegámos ao pé da coelheira, muitos fugiram para as tocas, mas outros deixaram-se ficar. Pareciam assustados, a olhar para nós, mas não fugiram. Mexiam muito o beiço de cima e estiveram assim muito tempo: não sei para que era aquilo.

Que grandes as orelhas!

E que pequenina a cauda!

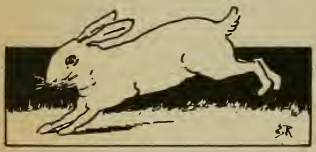
Alguns iam e vinham, dando pequenos saltos. Reparei que as pernas de trás eram muito mais compridas que as de diante. Do que mais gostei foi de os ver sentados e com as patas da frente levantadas. Eram engraçadíssimos nesta posição.

O meu vizinho deitou-lhes muitas fôlhas de couve, e êles começaram logo a comer. A mãe, uma grande coelha parda, fêz o mesmo.

Que grande comilona! Só tratava de si e não queria saber dos filhos. Chegou a tirar da bôca de um dos coelhinhos, à fôrça, uma fôlha que êle

estava comendo regaladamente. Não gostei nada da coelha e lembrei-me da galinha que, lá no quintal, tinha visto andar à procura dos bichinhos, esgravatando a terra. Assim que achava algum, chamava logo os pintainhos; êles vinham correndo, e ela não comia nada. É porque gosta mais dos filhos do que a coelha.

Fomos ver a quinta, e quando voltámos, o meu vizinho trazia um braçado de erva e fôlhas de hortaliça para os coelhos. Fêz bem, porque, quando chegámos à coelheira, aquêles grandes comilões já tinham devorado tudo, e chegaram-se logo para a rêde de arame, quando viram a hortaliça fresca. Pareciam esfomeados.



Assim que o dono lhes deitou o que trazia, começaram logo a comer com a mesma vontade que tinham mostrado da primeira vez. ¡Não sei como não lhes faz mal comer tanto!

Preguntei ao meu vizinho para que queria tantos coelhos, e êle disse-me que uns eram para vender e outros para comer, vendendo depois as peles.

Disse-me também que havia outros coelhos a que chamavam *bravos,* mas que êsses viviam no campo, em liberdade... quando os seus inimigos lhes dão licença.

—E quais são êsses inimigos?—preguntei-lhe eu.

—São muitos, mas os principais são o cão e o homem.

—O homem?—preguntei eu, muito admirado.

—Decerto. ¿Pois não sabes que o homem caça os coelhos, para lhes aproveitar a carne para comer, e a pele para vender?

—Ah! É verdade: já tenho visto homens com peles de coelho às costas e a apregoarem na rua: —*Peles de coelho ou de lebre*... Para que querem êles aquilo?

—É para as venderem depois. Tenho ouvido dizer que servem para fazer chapéus e outras coisas.

Os coelhos *roem* as plantas tenras e até prejudicam algumas árvores, roendo-lhes a casca; por isso, se lhes dão tempo, fazem grandes estragos nas sementeiras.

A carne do *coelho bravo* é muito boa e mais saborosa que a do *coelho manso.*

¿O coelho bravo *é animal útil ou nocivo?*

O homem que trabalha *muito é*—.....
O rapaz que fala *muito é*—.....
O coelho, porque rói *muito, é*—.....
O indivíduo que anda à caça *é*—.....

O que o José faz durante o dia

O José acorda cedo e levanta-se depressa. Prepara-se com cuidado: lava-se muito bem, veste-se, cumprimenta os pais, almoça e vai para a escola. Estuda, dá boas lições, brinca no recreio e porta-se bem. Sai da escola, volta para casa, não se distrai na rua, bate à porta, entra em casa. Dá conta dos seus trabalhos aos pais, alegra-os com as boas notas obtidas, guarda a mala dos livros, lava as mãos e vai jantar. Depois descansa, a seguir diverte-se um pouco, prepara os trabalhos escolares para o dia seguinte, ceia, despede-se dos pais, beija-os e deita-se cedo.

Leia o trecho antecedente, como se as acções fôssem

praticadas { *por si.*
por dois dos seus companheiros.
por si e por um condiscípulo seu.

Leia, como se a acção fôsse passada há dias.

O pão claro e o pão escuro

Um dia o professor, como prometera, levou duas pequenas peneiras e mostrou-as a todos os alunos.

—Parecem duas pandeiretas*—disse o Gustavo.

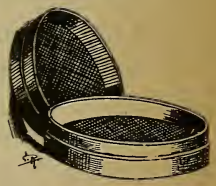
Eram de igual tamanho, e tinham o *aro** de madeira da mesma altura.

Preguntando aos seus alunos que diferença lhes achavam, alguns responderam logo:

—Nenhuma.

Outros, porém, puseram-se a olhar para elas com atenção e um dêles disse:

—Os panos das peneiras não são iguais. Um é mais ralo que o outro.



—É verdade: as malhas de um são mais largas que as do outro. Deitemos agora para dentro da que tem o pano mais fino tôda a farinha que ontem obtivemos.

Agora peneira-se a farinha. Que sucederá?

—Cai a farinha para o papel.

—Tôda?

—Os pedacinhos maiores não passam, porque não cabem; ficam na peneira.

É assim mesmo. Vou peneirar muito levemente.

—Olha, olha! Vê-se cair a farinha!

—Mas não caíu tôda. Agora pegue o António na peneira, e deite para a outra o que ela tem dentro. Isso. Faça agora o mesmo que eu fiz, peneirando para cima do papel.

—Agora cai mais farinha—disse o Luís.

—É claro, visto que as malhas são mais largas.

—Já não cai mais—disse o António.—Mas ainda há um resto.

—Êsse resto não cabe nas malhas, por isso aí ficou. É o *farelo*. Comparem agora as duas pequenas porções de farinha peneirada.

—Esta que se peneirou primeiro é mais clara—disseram alguns.

—Digam-me agora: se fizermos pão com farinha de cada uma destas qualidades, ¿o pão de uma será igual ao pão da outra?

—Não, sr. professor: o da mais clara há-de ser mais branco, e o da outra mais escuro.

—Assim será, na verdade. Ora aqui têm a razão por que o pão do Alexandre e o do Carlos, apesar de ambos serem feitos de farinha de trigo, não tinham a mesma côr. O do Carlos foi fabricado com farinha de 1.ª qualidade, correspondente àquela que há pouco obtivemos com a peneira mais fina; o do Paulo, pelo contrário, foi fabricado com farinha de trigo de 2.ª qualidade, talvez misturada ainda com alguma de centeio,

que é sempre mais escura. ¿E qual vos parece melhor para a saúde?

Quási todos os alunos responderam, em tom de grande convicção:

—É o mais branco.

—Os médicos dizem que não; e, portanto, assim deve ser. Afirmam êles que o melhor é o *de tôda a farinha,* sendo preferível o que contém tudo o que resulta da moagem do grão—sêmeas e tudo. É o chamado pão *integral.*

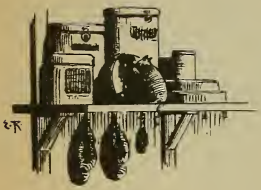
Apesar da sua aparência não ser das melhores, parece que é o mais saüdável de todos. Isto prova que não devemos julgar as coisas pelas aparências, pois em muitos casos, como neste, as menos belas e vistosas são justamente as mais úteis.

Não julguem as coisas só pelas aparências.
As aparências iludem.

Que horas são *neste relógio?*

Os dois ratos

Havia dois ratos, um muito gordo e luzidio, que desde pequeno se banqueteava à larga pelos celeiros e dispensas* de gente rica, e outro muito magro, um carga-de-ossos que, desde que nascera, andava tristemente pelos matos, em busca de sementes, que nem sempre apanhava a jeito.



Ora uma vez, alta noite, chegaram à fala os dois, e o mais gordo disse assim:

—¡Quanta pena sinto em te encontrar nesse estado! Andas por êsses campos pobres de alimentos, ao sol, à chuva, passando fomes, sempre metido em trabalhos. Se queres tirar êsse ventre de misérias, vem daí comigo.

O rato magro hesitou um pouco; mas breve se convenceu e lá partiram ambos. O gordo ia todo senhor de si, como se levasse aquêle irmão faminto para um banquete em sua própria casa; o magro seguia-o humildemente, como quem, desprotegido da sorte, se resigna a aceitar a esmola de um benfeitor que encontra em seu caminho de desgraça.

Eram ambos ratos, é certo; mas um, até ali, só tinha sido bafejado pela sorte, enquanto o outro só muito raras vezes tinha experimentado a abastança.

Ao cabo de uma hora de bom caminhar, chegaram junto das primeiras casas da terra. Dormiam já a sono sôlto os seus donos, e os dois ratos amigos movimentavam-se tão de mansinho, que nem o sono mais leve podia ser perturbado por êles.

QUEM TUDO QUERE...

Chegaram. Ali bem perto estava um armário grande, onde havia de tudo, sem faltar o belo queijo, tanto do agrado de ratos gulosos. Quis o rato gordo ser generoso e, apontando ao magro certo buraco do armário, que só êle conhecia, disse-lhe desta maneira:

—Segue lá adiante de mim, para mais depressa encheres essa barriguinha. Eu ainda estou a abarrotar com o muito que ontem comi...

O rato magro, porém, medroso e descon-

fiado, não se movia. Parecia-lhe tudo aquilo um sonho lindo e nada mais. Era contudo preciso tomar, sem demora, uma resolução: ou voltar para o mato ou seguir direitinho ao queijo. Parado é que se não ganha a vida.

Pensou um instante e, por cautela, disse ao amigo:

—Desculpa, meu irmão mais sábio e mais rico. Prefiro ir atrás de ti. Tu sabes melhor o caminho, conheces os cantos à casa e eu, seguindo-te, caminharei mais descansado e satisfeito.

E assim fizeram. O rato gordo, todo cheio de si, avançou lampeiro para o armário, e o magro, sempre desconfiado, seguia-o a alguma distância. Nisto, eis que, na escuridão da noite, se vêem repentinamente faïscar os olhos de um gato e êste salta sôbre o rato gordo, que logo lhe fica nos dentes.

O ratinho magro, cheio de terror, pois não conhecia tal inimigo, lançou-se numa corrida doida a caminho do campo, donde se havia desviado, seduzido pelas grandezas. Parecia que tinha asas, e, todo esbaforido *, só parou quando se

sentiu livre de perigo, no meio dos campos seus conhecidos.

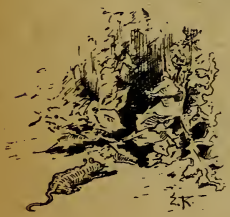
Refeito do susto, murmurou então:

—*Deixemo-nos de luxos. Antes magro, cá no mato, que gordo, na bôca do gato...*

E continuou a viver a mesma vida que tivera até ali, ao sol, à chuva, ao deus-dará, mas livre dos gatos traiçoeiros, que roubam o sossêgo e a vida.

Quantos homens há também por êsse mundo fora que, na ânsia cega de melhor vida, se lançam à aventura, fugindo dos lugares humildes onde nasceram para, afinal, cairem não raro, em outros mais pobres ainda.

Neste caso estão muitos portugueses que abandonam a sua terra, a sua Pátria, para irem procurar a felicidade em terra estranha, vindo, por fim, a encontrar por lá grandes desilusões, que os reduzem à miséria e muitas vezes os matam.



O melhor é sempre cada um, sem deixar de fazer pela vida, não se meter em duvidosas, em arriscadas emprêsas. Antes viver em pobreza sossegada, que buscar uma riqueza mais que duvidosa, que nos pode tornar mais pobres ainda.

Subtracção errada

Na 1.ª classe dava-se lição de aritmética, no quadro prêto. O professor explicava como se fazia uma subtracção, na qual só podiam entrar números da mesma espécie.

—De 20 laranjas—dizia êle—não se podem subtrair 8 pepinos, nem de 4 cerejas se podem tirar 3 feijões.

Todos os alunos pareciam compreender as explicações, menos um que meneava a cabeça, em ar de discordância.

—Tens alguma dúvida?—preguntou-lhe o professor.

—Tenho, sim, senhor. É que nem sempre é assim... ¿Então eu não posso tirar 10 laranjas de 13 cabazes, ou 3 litros de leite de 4 vacas?

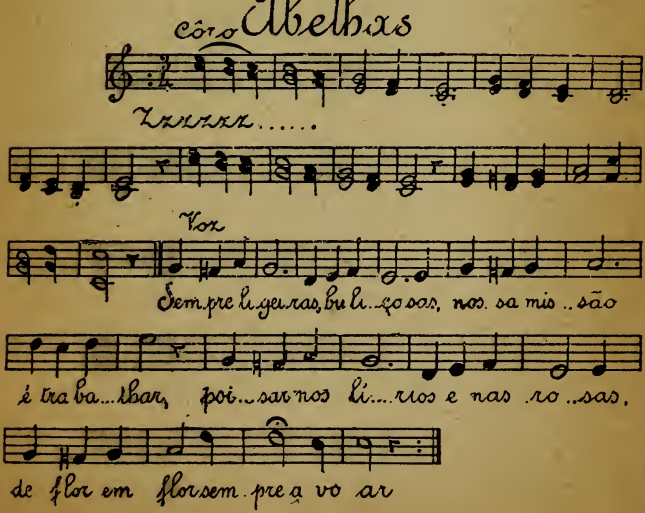
—¿Tinha razão êste aluno da 1. classe?

—¿Pode fazer-se uma mesma adição ou subtracção com números que representem laranjas e cabazes ou lápis e ameixas?

As abelhas

Sempre ligeiras, buliçosas,
nossa missão é trabalhar,
poisar nos lírios e nas rosas,
de flor em flor sempre a voar.

Quando o Sol nasce e alegra a terra,
eis-nos dispostas p'r'o labor:
ora no vale ora na serra,
sempre a voar de flor em flor.



Como se amassa o pão

I

Uma pessoa, com saúde, raramente deixa de comer pão todos os dias. Mal pode passar sem êle, pois o pão é a base da sua alimentação quotidiana *.

Há certos alimentos que só podemos ingerir *, quando acompanhados com pão, tais como a manteiga, os ovos, o peixe, a carne.

As pessoas que alguma vez tiveram de passar sem pão, por não terem dinheiro para o comprar ou por não haver quem lho vendesse, avaliam bem quanta falta nos faz aquêle precioso alimento. E, no entanto, ¡quantos meninos ignoram as canseiras, os trabalhos e as despesas que são precisas para se obter aquêle pão, tão saboroso às vezes, que tanto os delicia, quando o comem com apetite!

¡Quantos, sobretudo nas cidades, ignoram até como êle se fabrica, não tendo sequer pensado nisso alguma vez!

Como não nos é fácil fazer pão aqui na escola, vamos dar uma idéia da maneira como se fabrica, pelo processo vulgar ou caseiro.

— Eu já vi fazer pão em minha casa.

— A quem?

— A minha mãe. Lá na minha terra, ela é que fazia sempre o pão que nós comíamos em casa.

—Então como era?

—Minha mãe, depois de amassar...

—Não. Acho melhor começar pelo princípio. Primeiro pegava na farinha, que já vimos como se obtém—disse o professor.

—É verdade—continuou o Ernesto.—Depois deitava a farinha num grande alguidar, e logo a seguir juntava-lhe água muito quente e desfazia um bocadinho de *fermento*.

—O que era isso?

—Era um bocado de massa que minha mãe tinha deixado ficar da amassadura anterior. Essa massa cheirava sempre a azêdo.

—E não estragava o pão?

—Nunca o estragou. Minha mãe dizia que o *fermento* era preciso para fazer *fintar* ou *levedar* o pão: que, sem isso, a massa não cresceria nem o pão seria bom.

—E não juntava mais nada?

—Sim, sr. professor: deitava um pouco de sal na água e mexia, mexia até se *derreter*.

—Até se *dissolver*, não é assim? Foi como eu ensinei.

Que horas são

neste relógio?

O SAPO

—Olha um sapo! Ih! que feio!...
vou matá-lo num instante
e traçar de meio a meio
animal tão repugnante.

Eu não sei para que medra
bicho tão feio e tão mau:
vou esmagá-lo co'uma pedra
e depois cravar-lhe um pau.

—Não o mates. ¿Porque odeias
o inofensivo animal,
e matá-lo tanto anseias?
Acaso já te fêz mal?

—A mim não: ¿mas, porventura,
não sabes que os desta raça
fazem muita desventura
e causam muita desgraça?

—Pobre do sapo, coitado,
que não faz mal a ninguém!
Porque há-de ser odiado,
se afinal só nos faz bem?

—Lança veneno a distância
e de cegar é capaz...
—Revela muita ignorância
quem to disse, meu rapaz.

—E é feio... não gosto dêle;
repara que bôca enorme!
¿Não vês as rugas da pele
como o tornam tão disforme?

—Em tudo quanto tens dito
há sòmente esta verdade:
«o sapo não é bonito».
Tudo o mais é falsidade.

É feio, sim: mas que importa
que o seja o pobre animal,
se limpa o jardim, a horta,
sem nos causar nenhum mal?

O prejuízo que evita,
sabes lá a quanto monta?
Destrói, no campo que habita,
bichinhos vários sem conta.

Vermes, caracóis, insectos,
alguns bastante daninhos,
de que os campos são repletos,
come-os como os passarinhos.

Merece-nos, pois, respeito
e as melhores atenções.
Ser feio só é defeito,
se são feias as acções.

É feio? Sim, na verdade,
não tem o talhe perfeito:
mas que tem a fealdade?
¿É o ser feio um defeito?

Não julgues as criaturas
sòmente pelas feições:
vê se são dignas e puras,
julga-as por suas acções.

—Já viu algum sapo?
—Com que animal se parece?
—¿Têm razão aquêles que maltratam o sapo?
—Porquê?
—¿O sapo é útil ou prejudicial?
—Ser feio é defeito?

ANEDOTA

Há muitas pessoas que, a ler ou a escrever, pouca ou nenhuma importância ligam às vírgulas, pontos e vírgulas e até pontos finais, passando por tudo isso a fugir, como gato por brasas, sem se lembrarem de que, quem muito corre, mais sujeito está a tropeções.

Pois para se ver até onde chega a importância de um ponto e vírgula, aí vai uma frase que, sem essa pausa, representa um autêntico disparate, que ninguém entende:

Um caçador tinha um cão e a mãe do caçador era também o pai do cão.

Como se vê, a *mãe do caçador ser também* o *pai do cão* é coisa sem pés nem cabeça; e, no entanto, basta colocar um ponto e vírgula adiante da palavra *mãe,* para a frase ficar perfeita, assim: *Um caçador tinha um cão e a mãe; do caçador era também o pai do cão.*

E aqui têm como um simples ponto e vírgula — sinal que tanto desprezam, quando lêem e escrevem — teve o poder de explicar que ao tal caçador pertenciam, além do cão, a mãe e o pai do mesmo.

Como se amassa o pão

II

O Ernesto continuou:

—Depois de dissolvido o sal, minha mãe mexia tudo muito bem e começava a amassar.

—Como fazia ela isso?

—Com as duas mãos ao mesmo tempo ou com uma por cada vez, mexia muito a massa e depois dava-lhe volta. De vez em quando deitava mais água e continuava a amassar, sem descanso. A massa ia ficando cada vez menos mole e estendia muito, fazendo uma espécie de correia. Parecia elástica. Isto demorava um bom pedaço.

Por fim, quando já estava em condições, minha mãe alisava muito bem a massa por cima, e depois marcava-lhe uma cruz com a mão, assim...

—*Em cutelo:* é como se chama essa posição da mão—disse o professor.

—Depois dizia umas palavras em voz baixa, e logo a seguir abafava muito bem a massa, com coisas de lã e deixava-a ficar assim.

No fim de algum tempo, ia ver se a massa estava *finta*. Se a achava muito crescida, era sinal de que estava boa para ser *tendida* *.

—E que era isso?

—A minha mãe tendia assim: pegava numa tábua própria e punha-a nos bordos do alguidar. Depois tirava uma porção de massa que chegasse para um pão, enrolava-a em cima da tábua com alguma farinha, e colocava-a no *tabuleiro* de madeira, que tinha dentro um pano branco muito lavado.

Ia tirando mais porções de massa e pondo-as ao lado uma das outras no tabuleiro, até se acabar a massa no alguidar.

Depois era tudo coberto com um pano muito branco e muito asseado, e a seguir ia para o forno.

—¿Porque estão os moinhos de vento sempre em sítio elevado?

—Como se chama o homem que trata do moinho?

—E a mulher?

—Que inconveniente acham nos moinhos de vento?

—Já viram uma azenha?

—¿Tem velas como o moinho de vento? Porquê?

—Sabem o que é uma levada?

O CAVADOR

Se há trabalho humilde, que nos deve merecer respeito e consideração, é o dos cavadores.

Sem o braço dêsses ignorados homens que, de sol a sol, dispendem as suas melhores energias pelos campos, ora atirando com ânsia a enxada à terra ora entregando-se a outros trabalhos agrícolas, a nossa vida seria impossível.

É da terra que nos vem o pão; é a terra que alimenta as árvores, as quais nos fornecem muitos e variados frutos; é do interior da terra que extraímos os metais e tantos outros produtos tão necessários à vida moderna. A terra tudo cria, a terra tudo nos dá, ajudada pelo trabalho fecundo* do homem.

¿Quem não viu já o cavador, ao pino do meio-dia, em pleno verão, à hora em que tanta gente se aflige, mesmo à sombra, com o calor, atirar com fôrça a enxada à terra, todo êle escorrendo suores?

¿Quem o não admirou já, em frios e chuvosos dias de inverno, enterrado até aos joelhos, revolvendo a terra para as sementeiras?

Estradas, caminhos de ferro, habitações, todo o confôrto de que gozamos seriam impossíveis, sem o esfôrço que, mais ou menos indirectamente, o cavador humilde a tudo dispensa.

Não há, por certo, na sociedade, modo de vida mais modesto, mas também nenhum outro existe mais útil, mais necessário, mais precioso. Encontram-se já hoje quási por tôda a parte, é certo, as mais variadas máquinas agrícolas, que muito ajudam o homem na faina dos campos; mas todos êsses engenhos de nada serviriam, sem a cooperação do braço diligente do trabalhador rural, que as dirige e lhes dá vida.

É da terra que nos vem quási tudo que serve à nossa alimentação, e mal dos homens da cidade, tristes dos homens mais ricos do mundo, se um dia os trabalhadores do campo negassem à terra todo o seu esfôrço.

Sem grande exagêro, pode dizer-se que o bem-estar dos povos depende essencialmente das boas ou más colheitas agrícolas.

E em tudo isso, o grande herói é o cavador — o homem humilde do campo que, com o arado ou com a enxada, revolve a terra que, de ordinário, não é sua; que suporta calores, chuvas e frios, sem grandes queixumes, porque, enfim, julga ter nascido para aquêle fadário *, que lhe enche a vida e que o chega a tornar feliz, quando a saúde lhe não falta e o trabalho lhe não escasseia.

DIFÍCIL ESCOLHA

Ao Zeca preguntaram certo dia,
diante de seus pais,
a qual dos dois é que êle mais queria,
de qual gostava mais.

O Zeca respondeu que não sabia.

Disse e ficou cismando, um breve instante,
calado. Mas, depois,
bradou alvoroçado e radiante:
—Eu gosto mais dos dois.

A iluminação doméstica

Naquele domingo era dia de festa. Bandas de música, acompanhadas do rapazio, logo de manhã cedo percorriam as ruas, acordando com as notas vibrantes dos seus instrumentos de metal muito luzente e amarelinho, a população ainda adormecida.

Inaugurava-se nesse dia a luz eléctrica na vila.

Em casa do Pedrinho foi uma verdadeira festa, e à noite, quando as lâmpadas eléctricas, espalhadas por tôda a parte, encheram a casa de luz e

de alegria, começou o jantar, que decorreu sempre cheio de animação, em que Pedrinho teve a parte principal.

Não quis o avô, que já era bastante idoso, e que, por isso mesmo, melhor podia comparar o presente com o passado, deixar de explicar ao neto a maneira como os antigos iluminavam as suas casas.

—Primeiro—dizia o avô—empregaram pequenos archotes, formados de ramos de certas árvores. Depois usaram tôscas velas de sebo, como fazem hoje muitos povos, a quem faltam ainda quási todos os meios de vida. Está claro que um tal processo de iluminação havia de ser muito incómodo, por causa do cheiro fétido * das velas e também por causa do fumo.

Mais tarde usaram-se as velas de *cêra* e de *estearina* e bem assim certos óleos, como o *azeite*, sendo bem conhecidas e usadas ainda hoje por tôda a nossa província as candeias e os candeeiros de latão com três e quatro bicos, nas casas mais abastadas.

E essa luz suave e doce,
que se eleva da candeia,
¡ quantas lembranças desperta
na gente humilde da aldeia !
E. Romero

Já mais modernamente começaram a usar-se os candeeiros de *petróleo,* o *gás* extraído da hulha ou carvão de pedra e, mais tarde, o *acetileno.* Finalmente, apareceu a *luz eléctrica,* que é, como já podes apreciar, um óptimo meio de iluminação, que pouco a pouco se vai espalhando por tôda a parte.

Os antigos só a custo poderiam prolongar os serões pela noite dentro, por falta de boa iluminação. Por isso se deitavam cedo. Hoje, ao contrário, não falta quem faça da noite, dia, e do dia, noite, o que é um grande mal para a saúde.

O homem deve trabalhar de dia e descansar de noite; e, se as necessidades da vida moderna e certas ocupações, como as dos empregados dos caminhos de ferro, polícia, etc., obrigam muitas vezes a prolongar os serões, nunca, por nossa vontade e antes por absoluta necessidade, devemos deitar-nos muito tarde.

As crianças, sobretudo, devem deitar-se cedo e erguer-se cedo também, porque lá diz o conhecido rifão:

Deitar cedo e cedo erguer,
dá saúde e faz crescer.

Como se coze o pão

—¿Como era cozido o pão na terra do Ernesto? (Notem que esta palavra—*cozido*—se escreve com *z*. O que se cose com agulha escreve-se com *s*. Arroz *cozido*, com *z*; fato *cosido*, com *s*).

—A forneira punha no chão do forno, à porta, uma pá de madeira comprida e estreita: minha mãe colocava sôbre a pá um ou dois pães de massa. A forneira, com a pá, que tinha um cabo muito comprido, muito comprido, de alguns metros, metia o pão no fundo do forno e trazia a pá outra vez para a porta dêle. Tornava a receber mais um ou dois, e ia pô-los lá ao lado dos outros, e assim ia fazendo até os meter todos. Em seguida fechava a porta, e o pão ficava a cozer. Quando lhe parecia que era tempo, a forneira abria a portinha, e com a pá trazia um pão, até à entrada do forno, para ver se estava cozido: se achava que não, tornava a ir pô-lo no mesmo sítio e fechava de novo a porta.

Ao fim de pouco tempo saía enfim o pão do forno, cheirando muito bem, por sinal. ¡ Mas que diferente êle era do que tinha entrado!

Minha mãe às vezes mandava meter também no forno algumas batatas. Ao fim de pouco tempo, a forneira dizia que já estavam *assadas*, mas que o pão ainda não estava *cozido*. Parece que devia ser *assado* também.

—Ou as batatas *cozidas*.

—É verdade. São modos de dizer.

Abençoada seja a terra que produz o trigo, e bem hajam todos aquêles que, à custa de muito esfôrço, fadigas e canseiras, contribuem com o seu trabalho honesto para que possamos saborear o pão que nos alimenta, o pão que é para nós fonte de vida e de saúde.

Comi dois quintos *de um bôlo*
que a minha tia me deu;
comeu o resto meu primo:
qual comeu mais—êle ou eu?

—Vem jantar comigo no próximo domingo, Alfredo, queres?

—São muitos os convidados?

—Não; apenas dois rapazes, por sinal muito inteligentes, e tu.

Pregões de Lisboa

Manhã cedo. O Sol dourado
a tudo vai dando côr;
há já vida na cidade,
já nela se houve rumor.

Vendedores ambulantes
começam a aparecer.
Vamos lá ver, ó freguesas,
o que trazem p'ra vender.

Oito horas. À nossa porta
passa agora a tia Chica.
Com sua voz compassada
apregoa: «*Fava rica*».

Lá vem também a peixeira
com seu trajo pitoresco,
dizendo: «*Oh! vida da costa*»
ou então: «*Carapau fresco*».

E agora, de tôda a parte
se ouve gente que apregoa,
gritando: «*Quem quer' laranja,*
quem compra laranja boa?...»

«Merca o cabaz de morangos...»
«Século. Notícias. Voz...»
«Oh! boa amora da horta...»
«Quem quere améijoas p'ra arroz?»

«Erre, erre, mexilhão...»
« Oh! pescadinha marmota...»
«Compra o raminho de flores...»
«Oh! figos de capa rôta...»

E com a lata no braço,
fresquinha qual fresco arroio,
passa linda vendedeira,
cantando: *«Oh! queijo saloio...»*

E tudo lá vão deixando,
p'la cidade, os vendedores.
Mas, para ganhar a vida,
que canseiras, que suores!

O forno e o forneiro

—Ernesto, ¿ já viu um forno de cozer pão?

—Vi na minha terra.

—Quem tratava do forno?

—Era o *forneiro* e a mulher dêle—a *forneira.* Êle metia no forno o mato que trazia do campo, e ela tratava do resto.

—E que mato era êsse?

—Era *xara* ou *estêva* quási sempre, e poucas vezes *giesta.*

—Nalgumas terras aquecem o forno com outras coisas: carrasqueiro, piorno *, rama de certas árvores, especialmente de pinheiro, à qual chamam *caruma.* ¿ E como era o forno por dentro?

—Não sei dizer bem: quando a forneira abria a portinha de ferro, parecia que tudo estava em brasa, muito vermelho, e deitando muito calor.

—¿ E a forneira era mulher muito corada, parecia saüdavel?

—Não parecia nem era. Pelo contrário, andava sempre descorada, com a cara muito engelhada e queixava-se do interior. Minha mãe dizia às vezes que ela parecia mais velha do que era; e que a mãe, que também tinha tido o mesmo modo de vida que a filha, era igualmente descorada e doente, desde que entrara para aquêle serviço.

—Na verdade o serviço de forneiro, além de

violento, não é saüdável. As pessoas que têm essa profissão apanham grandes calores que as arruínam em poucos anos.

De inverno estão muito sujeitas a fortes constipações, pois com facilidade apanham correntes de ar frio, que muito as prejudicam, se estão a transpirar, o que muitas vezes sucede.

De verão pode avaliar-se o que seja tal modo de vida, se nos lembrarmos de que muitas vezes não estamos bem em parte alguma, por causa do calor, mesmo que não façamos nenhum exercício. ¿Que sucederá àquêles que, além dêsse calor, próprio do tempo, têm de juntar ainda o que provém do trabalho que executam e o daquela insuportável fornalha que têm de agüentar?

Há profissões na verdade muito trabalhosas. Esta é uma delas. E a verdade é que nós, quando comemos pão — e tantas vezes isso acontece — nem sequer nos lembramos do modesto forneiro nem pensamos na utilidade da sua humilde profissão, nem nas canseiras que, para nos fornecer o pão que comemos, êle teve de suportar.

Respeitemos e admiremos os trabalhadores, por mais modesta que seja a sua profissão, a qual é para nós muitas vezes, apesar dessa modéstia, de grande utilidade, e nos proporciona bem-estar ou satisfação, como neste caso.

NO CAMPO

S vezes o nosso professor aconselha-nos a trazer um fatinho melhor, porque quere ir connosco dar um passeio de estudo. Já demos muitos passeios, mas o da última semana agradou-me bastante.

Fomos para o campo e levámos uma merenda, porque só de tarde voltaríamos para casa. O Augusto não pôde ir; estava doente, de cama, porque, não tendo seguido os conselhos do nosso professor, atravessa sempre as ruas numa correria desordenada e foi atropelado por um automóvel. Foi êste o único aluno que faltou.

Às oito horas e meia já estávamos na escola. O nosso professor, relembrando o que na véspera nos tinha dito sôbre as vantagens do passeio que íamos dar, recomendou-nos que observássemos tudo quanto despertasse a nossa curiosidade, porque bastante poderíamos aprender com isso e com as preguntas que lhe fizéssemos.

Muito contentes, cantando pelo caminho as bonitas canções aprendidas na escola, êsse caminho pareceu-nos, por isso, muito curto.

Nenhum de nós chegou cansado, o que não

admira: não estava ainda calor, porque a primavera tinha começado havia pouco.

À beira da estrada viam-se já muitas flores, e apanhámos algumas. O nosso professor ensinava-nos o nome delas, dizendo que cresciam espontâneamente nos campos e que eram muito bonitas, como víamos, apesar de não serem tratadas como as flores dos jardins.

Andámos no campo a brincar em sítio agradável, onde havia muitas árvores de sombra, e água fresquinha. Ali comemos a merenda.

O nosso professor continuava a conversar connosco, respondendo às nossas preguntas. Nisto apareceu um rebanho de muitos carneiros e ovelhas, guardado por um pastor e por um grande cão. Chamou-nos então para junto dêle e começou a falar-nos do rebanho.

—¿Gosta de ir passear para o campo?
—Porquê?
—Gosta de flores?
—¿Quando é que há mais flores?
—Estamos agora na primavera?
—Conhece alguma flor encarnada?
—E amarela? E branca?

O rebanho — O pastor

É curioso observar um rebanho no campo, à vontade, apenas sob a vigilância * do pastor atento e do cão de guarda que, quási sempre, se coloca à beira do caminho.

O pastor, de vez em quando, conduz o gado de um para outro sítio, onde a pastagem seja mais abundante. E assim, o rebanho vai percorrendo distâncias às vezes muito grandes.

Durante a noite fica no *redil* ou *bardo,* espaço de terreno rodeado de cancelos móveis ou estacas ligadas por cordas umas às outras. Assim se evita que os animais se tresmalhem *, com a vantagem ainda de se ir estrumando o terreno, para o que todos os dias o pastor muda o redil.

Ali perto o cão está vigilante por causa do lôbo, natural inimigo dos rebanhos. O pastor, conforme o uso da região, passa a noite numa *cabana* ou *choça,* ou num carro forrado de zinco em forma de casota. Também nalguns sítios ainda hoje os pastores se servem do *choço,* pequeno resguardo coberto de côlmo *, que êles, metendo-se debaixo, transportam, às costas, de um para outro lado.

É curiosa a vida do pastor, e bastante característico o seu vestuário: Grande chapéu de abas largas, manta ou capote de tecido grosseiro, *samarra* * e *safões* * de pele de ovelha, polainas altas e botas de atanado, cheias de brochas * em bico

para poder andar na serra sem escorregar, de *alforje** ao ombro, de *bornal** a tiracolo e de *cajado* ferrado na ponta, o pastor anda quási sempre alegre, cantando, assobiando, tocando flauta ou pífano, donde tira bonitas melodias que êle próprio improvisa *.

Tem o pastor uma vida trabalhosa quer sofrendo os grandes calores quer lutando contra a aspereza do frio.

¡Quantas vezes êle, apesar de fatigado por longas caminhadas, leva ao colo algum cordeirinho que ainda não pode percorrer grandes distâncias! ¡E quantos dias passa apenas com as sopas de leite, pão negro e queijo!

Merece a nossa simpatia o bom pastor, que assim vive longe da família e dos povoados, para facilitar a vida dos animaizinhos que guarda, e que tão bons produtos nos dão.

—Já viu um rebanho?

—¿Quem é que guarda o rebanho?

—¿Que serviços presta o cão ao pastor?

—¿Porque usa o pastor um chapéu com abas tão largas?

"Almas do outro mundo"

Era meia-noite na aldeia. Em casa do tio José do Moinho, dormia tôda a família a sono sôlto, quando um grande reboliço, vindo dos lados da cozinha, desassossegou aquela gente.

Teriam ladrões em casa? Não o sabiam, mas era urgente tirarem-se de dúvidas. Por isso tôda a família saltou da cama e, de candeia acesa, andou em bolandas da sala para a dispensa, da dispensa para o sótão, do sótão para a cozinha, à procura de explicação para tão estranho caso.

Ladrões, não encontraram; mas, aqui e acolá, não faltavam bancos caídos, facas e garfos espalhados pelo chão, cadeiras de pernas para o ar, etc. Para gente tão simples de uma aldeia, que nunca conhecera o benefício de uma escola, não podiam restar dúvidas: com portas e janelas fechadas, um tal desalinho dentro de uma habitação só podia ter sido produzido por «almas do outro mundo».

Gritaram por socorro, acudiu a vizinhança, acudiu tôda a aldeia: os homens munidos de va-

rapaus, de forquilhas, de espingardas; e as mulheres fazendo muita gritaria.

Entraram; mas, por mais que olhassem, nada viam de extraordinário, embora tudo revolvessem *, salas, quartos, armários, gavetas.

Descoroçoados, preparavam-se para abandonar a casa do tio José do Moinho, quando uma criança, que estava ao colo da mãe, viu qualquer coisa a mexer atrás de uma arca.

Então um homem mais resoluto meteu a mão e puxou para fora a tal «alma do outro mundo»,

que vinha a ser um gato, com uma panela de barro enfiada até ao pescoço!

Fôra o caso que, tendo a panela ficado na chaminé, com uns restos de comida, o bichano, cheio de fome, meteu a cabeça, não a pôde tirar, e daí

o ter andado, às cegas, tropeçando em cadeiras, em portas, em tudo.

Imagine-se a cara de tolos com que ficariam os *valentões*

dos varapaus, das forquilhas e das espingardas, em presença do pobre gato.

E aqui está como um simples bichano obriga a fazer figuras ridículas tanta gente ignorante, que acredita em «almas do outro mundo» e em outros disparates como êsse.

—¿Porque foi que aquelas pessoas se assustaram?

—Tinham motivos para isso?

—¿Se não fôssem ignorantes, também se assustariam?

—Porquê?

Conte está história

Plantai árvores

Plantai árvores, crianças,
sôbre o solo nacional,
fazei mais formoso ainda
êste lindo Portugal,
país que eu quisera ver
em prosperidade infinda *,
grande, como foi outrora,
como o pode ser ainda,
se vós, crianças de agora,
ó mocidade louçã,
vós, cidadãos do futuro,
vós, os homens de amanhã,
lhe derdes o vosso esfôrço
e a vossa dedicação.

Plantai árvores, crianças,
enraïzai-as no chão.

O vosso esfôrço isolado
de pouco pode valer:
mas os poucos fazem muito,
e amar a Pátria é dever.

Não é patriota apenas
quem, com as armas na mão,
contra as agressões estranhas
a Pátria defende. Não!

Também é bom patriota
o honrado trabalhador
que o solo da Pátria amada
fecunda com seu suor.

É patriota igualmente
quem a terra fertiliza,
quem as plantas prende à terra,
quem na terra as enraíza.

A árvore amiga e boa
é do homem companheira:
dá-lhe a sombra que refresca,
a lenha, o fruto, a madeira.

Por isso plantai, crianças,
neste abençoado chão:
mostrai-vos bons patriotas,
enriquecendo a Nação.

A ovelha

A ovelha é um animal muito dócil *, muito manso e muito útil. Tem o corpo coberto de pêlo encaracolado, a que se dá o nome de *lã*.

A ovelha, que se alimenta principalmente de ervas, dá trabalho a criar e a sustentar, mas dela tiramos grande proveito. Fornece-nos o leite, tão empregado no fabrico de queijos, que têm um sabor especial conforme a região, e dá-nos a carne, que é saborosa, sobretudo a das ovelhas maninhas*. Também utilizamos a lã para a fabricação de tecidos. A pele, depois de curtida, tem muitas aplicações.

uma terra isolada,
tôda cercada de mar,
aonde só se pode ir
ou em barco ou a nadar
ou então de aeroplano,
que nome havemos de dar?
E aos naturais desta terra
como havemos de chamar?

A LÃ

A lã, como já se disse, tem muitas aplicações, principalmente na fabricação de tecidos para o nosso vestuário.

Durante a primavera tosquiam-se os animais, isto é, corta-se-lhes a lã. Esta operação pode ser manual ou feita à máquina.

Depois da tosquia e a fim de poder ser trabalhada, lava-se a lã para a limpar da *suarda*, substância gordurosa que a prejudica. Antes dessa lavagem chama-se *lã churra* ou *lã suja*.

Quando a lã seca, é batida, aberta e cardada num aparelho que tem o nome de carda, para a desembaraçar.

Depois de cardada e posta em condições de ir para a máquina, é fiada.

Antigamente a fiação não era feita à máquina e por isso levava muito tempo a executar. Dantes as donas de casa, as filhas e as criadas passavam grande parte do tempo a fiar com a roca e o fuso. Era um trabalho enfadonho e demorado.

Hoje ainda muita gente, na província, costuma fiar o linho, para depois fazer diversos panos caseiros.

A côr dos tecidos

DESDE que não se queira empregar a lã com a côr natural, tem de se tingir.

Tanto se pode tingir a lã em rama como em fio ou em peça.

As caldeiras de cobre destinadas a essa operação, aquecidas em enormes fornalhas, estão cheias de tintas, já preparadas, onde se mergulha a lã em rama, o fio ou o tecido, que tem de permanecer ali um certo número de horas.

Quando se acaba aquela operação, retira-se a lã, o fio ou o tecido, e vai pôr-se em estendedoiros especiais, recebendo, depois de tudo sêco, o acabamento necessário, para o que vai à *tesoura* e à *prensa* de que já falámos.

Havemos de ir dar um passeio a Sintra, domingo de tarde, se não chover — disse o pai às filhas.

— Ai que bom! — exclamou a Luísa. — E, se chover, meu pai?

A Lídia, que era a mais pequena das irmãs, apressa-se a responder:

— Se chover de tarde... então vamos de manhã, não é verdade, meu pai?

Cai a chuva fortemente...
Nuvens negras vão no céu
estendendo sôbre a terra
um espêsso, denso véu.

Sob a folhagem que chora
recolhem-se os passarinhos,
redobrando os seus cuidados
c'os filhos que estão nos ninhos.

Saem do leito os rios,
crescem e sobem as fontes;
e um véu de tristeza imensa
cai do mais alto dos montes.

E enquanto a chuva, caindo
no campo e nos povoados,
vai fazendo aborrecer,
os inúteis sem cuidados;

lá na aldeia o lavrador,
que, apertado o coração,
já via à sêde morrer
dos caros filhos o pão...

exulta contente, agora,
e a sua alma ri e canta...
Oh! fartura dos celeiros,
cai, chuva bendita e santa!

Preparação dos tecidos

Quando a lã está fiada, tem de ser *urdida*, para depois ser metida no *tear*.

Hoje há máquinas muito perfeitas para tecer. No nosso país, para as fazendas mais grosseiras, há ainda teares manuais, cujo trabalho é muito demorado.

Retirada a peça do tear, é necessário prepará-la para a venda. Para isso convém dar-lhe um bom acabamento.

A fim de lhe tirar tôdas as impurezas, o tecido passa pela tesoura, que o deixa mais ou menos *rapado*, conforme o desejo do fabricante.

Depois de o tecido estar limpo, vai à prensa, para ficar em condições de se poder dobrar em peça.

Leia o que se segue, só para si, o mais ràpidamente possível e com atenção, respondendo depois

Havia quatro irmãos muito amigos. A madrinha do mais velho foi visitá-lo. Levou-lhe um livro com gravuras muito bonitas e um cestinho com sete laranjas para distribuir pelos irmãos.

Couberam duas laranjas a cada um, a não ser ao mais novo. Êste ficou amuado. Porque seria?

NO ALFAIATE

QUANDO precisamos um fato, vamos geralmente ao alfaiate.

Podemos comprar a fazenda no próprio alfaiate que nos faz o fato, dando êle todos os *aviamentos*, por um preço combinado. Mas também podemos levar-lhe a fazenda, pagando ao alfaiate sòmente o feitio, os forros, entretelas, botões, linhas, isto é, os *aviamentos*.

Para fazer o fato, o alfaiate toma a medida ao corpo do freguês. Molha muito bem a fazenda, para não encolher mais tarde, e só depois de sêca e de passada a ferro é que talha o fato, servindo-se para isso da fita métrica, da régua, do giz e de moldes.

Depois de tudo preparado, o alfaiate dá geralmente as calças e os colêtes a costureiras que os acabem em casa; os casacos quási sempre são feitos na *alfaiataria*. As calças e os colêtes, como são mais fáceis de fazer, ordinàriamente só têm uma prova, já depois de acabados, para se verificar se precisam alguma *emenda*. Os casacos, que requerem mais cuidado e habilidade do *mestre alfaiate*, têm de ser *postos em prova* duas, três e mais vezes até, para que possam assentar bem, não fazendo *foles* nem rugas.

Um bom alfaiate deve saber desenhar muito bem.

O meu relógio

Eu tive um relógiozito
que me deu a minha avó,
mas, verdadeiro, bonito
e feito de metal fino...
não relógio de bonecas,
como aquêles que me davam
quando eu era pequenino.
Neste os ponteiros andavam
sempre à roda, sem parar,
e, lá dentro, uma vòzinha
par'cia mesmo falar
com particular sotaque:
Tic... tac... tic... tac...

Dizia então minha avó
(tinha eu seis anos só)
que já era um homenzinho.
Com isso andava contente,
pois o meu relógiozinho
dava-me uns ares de gente.
E com os meus companheiros
fartava-me então de rir,
por todos qu'rerem saber
que vòzinha é que lá dentro
não cessava de dizer
no seu constante sotaque:
Tic... tac... tic... tac...

Mas, tinha de ser, um dia,
mais forte a curiosidade,
com outros da minha idade
quis ver o que dentro havia.
E tantas voltas lhe dei,
tais processos empreguei
que o relógiozito abri
sem deixar nada inteirinho...
Lá se foi o encantamento.
E hoje o meu relógiozinho
que eu estimava tanto, tanto,
pr'a aí jaz em qualquer canto.
E jamais a tal vòzinha
repetiu no seu sotaque:
Tic... tac... tic... tac...

Diga o nome de algumas coisas que possa comprar:

na mercearia;
na loja de ferragens;
na drogaria;
na farmácia;
na capelista;
na retrosaria;
no talho;
na ourivesaria.

O algodão

algodão provém de uma planta chamada *algodoeiro,* que já é cultivada em muitos países das regiões quentes.

O algodão é uma penugem sedosa e macia, mais ou menos branca, que envolve a semente do algodoeiro.

O algodão semeia-se; mais tarde colhe-se, fica a secar durante algum tempo, fazendo-se depois, por meio de máquinas, a separação das sementes. Destas extrai-se uma espécie de óleo, que se emprega na iluminação e na indústria dos sabões.

Ao meu amigo Silvestre
dei o têrço de um pãozinho;
comi também outro têrço
e dei o resto ao Zézinho.

¿Sabem dizer-me a porção
que o José comeu do pão?

Como se prepara o algodão

necessário submeter o algodão a uma preparação especial, para que possa ser utilizado no fabrico de diversos tecidos tais como: os panos, os cotins, a ganga, os percais, as chitas, as musselinas*, o fustão*, etc., que servem para fazer roupa, guardanapos, toalhas de mão e de mesa, lenços, etc.

O algodão primeiramente é aberto e batido para o tornar mais flocoso*, limpando-o de tôdas as matérias estranhas. Depois é cardado com o fim de se disporem as fibras em camadas próprias para poderem ser fiadas ou *estiradas**. Em seguida penteiam-se estas camadas, para se eliminarem tôdas as impurezas, apartando os fios para separar as fibras que não tenham o tamanho preciso, formando *fitas* que, depois de convenientemente *estiradas*, vão para as máquinas de fiar que as transformam em fios cada vez mais sólidos e finos, recebendo o acabamento preciso para ser empregado na tecelagem, que é feita antes ou depois de tinto o fio.

No primeiro caso, os desenhos apresentados pela fazenda são *tecidos* e no segundo são *estampados*.

Ao algodão em rama, isto é, sem ser fiado e depois de uma preparação especial, chama-se *algodão hidrófilo,* o qual é empregado no tratamento e curativo de feridas; e quando o algodão fica em pasta, formada pelos desperdícios *, serve para enchumaçar casacos, colchas, peles de abafo, regalos, etc.

No nosso país já temos importantes fábricas de tecidos de algodão, em Tomar, Alcobaça, Vizela e outras terras.

Que é o algodoeiro?
Onde se dá o algodoeiro?
¿Que é que provém da semente do algodoeiro?
¿Conhece alguma aplicação do algodão?
¿Já se serviu alguma vez do algodão?
Quando? Para quê?

Se a planta que dá o algodão se chama algodoeiro,
a planta que dá pêssegos, chama-se, ...
a que dá abrunhos, ...
a que dá limões, ...
a que dá alperches, ...
a que dá castanhas, ...
a que dá marmelos, ...

As nuvens, que lindas são!
Tão branquinhas, tão branquinhas
lá no ar,
lá no ar,
como flocos de algodão,
parecem mansas pombinhas
a voar,
a voar...

Mas vejam agora além
aquela a subir no ar
e a fugir,
a fugir.
¡Como ela parece bem
enorme tromba do mar
a subir,
a subir!...

¡E que formas engraçadas
se notam além naquelas
côr do mar,
côr do mar!...

Casas de grandes fachadas,
com as donas às janelas
a olhar,
a olhar...

Outras mais além, ao lado,
coadas p'lo Sol poente,
a brilhar,
a brilhar,
semelham trigo dourado,
ali pôsto de repente,
p'ra ceifar,
p'ra ceifar...

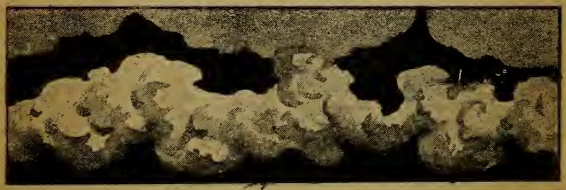
E que maravilha aquela!
Sôbre um lago prateado,
a fulgir,
a fulgir,
desliza um barquinho à vela,
com seu barqueiro deitado
a dormir,
a dormir...

Porém, que enorme novêlo
agora lá se amontoa,
a rolar,
a rolar!

Parece um velho castelo
onde a artilharia soa
a troar,
a troar...

E aquelas brancas touquinhas
e aquêles vestidos brancos
ao luar,
ao luar,
¿ não lembram ternas velhinhas,
sentadinhas em seus bancos,
a fiar,
a fiar?...

As nuvens, que lindas são!
Tão branquinhas, tão branquinhas
lá no ar,
lá no ar,
como flocos de algodão,
parecem mansas pombinhas
a voar,
a voar...



A SÊDA

PARECE que foi na China, país situado na Ásia, que se iniciou a indústria da sêda.

Alguns séculos antes da nossa era, já ali se fabricavam ricos tecidos de sêda muito leves e com lindos bordados. Pouco a pouco esta indústria foi-se espalhando por outros países.

Durante largo tempo, mesmo fora da China, já se conhecia a sêda, mas ignorava-se donde provinha, chegando a supor-se que a matéria-prima para a preparar era tirada de certas árvores.

Como na China não permitiam a saída das sementes do bicho da sêda, diz-se que dois frades trouxeram para a Europa algumas daquelas sementes, ocultas numa cavidade dos seus bordões de bambu *, ensinando ao mesmo tempo como se criavam os bichos da sêda.

Não tardou muito que a cultura do *sirgo,* nome que também se dá ao bicho da sêda, se espalhasse por tôda a parte, principalmente pela Europa e pela Ásia, dando origem a uma indústria importante chamada *sericicultura.*

Embora no nosso país a sericicultura date de tempos antigos, pouca importância, infelizmente, tem hoje.

O bicho da sêda

Os bichos da sêda nascem de uns pequeninos ovos, ainda mais pequenos do que as cabeças dos alfinêtes vulgares. Quando nascem, são escuros, fazendo lembrar, no tamanho, pequenas pontas de retrós; vão crescendo, alimentando-se exclusivamente de fôlhas de amoreira que não devem estar molhadas.

Mudam de pele algumas vezes, tornando-se esbranquiçados, e chegando a atingir sete a oito centímetros. Passadas umas três ou quatro semanas, o bicho deixa de comer e começa a deitar uma baba que, secando, forma fio muito fininho, de uma regular consistência, e com êle começa a fazer um *casulo*, de côr branca ou amarelada, dentro do qual fica encerrado.

Se, decorridos alguns dias, abrirmos o casulo, encontraremos um animal que nada se parece com a *larva* ou *lagarta* que o tecera, tendo ficado lá dentro. Parece que está morto. Neste estado chama-se *crisálida*.

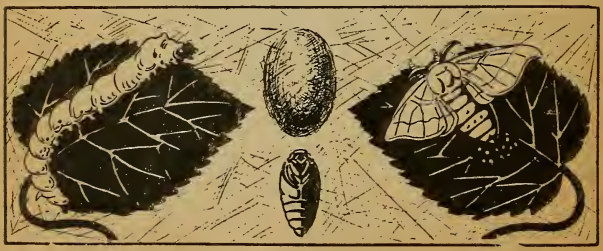
Se não se tivesse aberto, o casulo, passados alguns dias, começaria a aparecer umedecido, e tempo depois romper-se-ia, saindo de dentro uma borboleta esbranquiçada. Vê-se, portanto, que o bicho da sêda apresentou três aspectos diferentes: foi primeiro *larva*, depois *crisálida* e por último *borboleta*.

Sucede o mesmo com outros animais. Há borboletas machos e borboletas fêmeas. Estas, depois de porem os ovos iguais àquêles donde nasceram, morrem.

Para aproveitar a sêda dos casulos, é preciso evitar que a crisálida se transforme em borboleta, para não traçar o fio, o que se consegue por várias maneiras: pondo os casulos ao sol ou em estufas apropriadas, ou metendo-os num banho de água quente. Depois desta operação, os casulos são dobados, havendo alguns que chegam a ter centenas de metros. Depois de dobada, a sêda fia-se em máquinas especiais e é tecida.

A sêda é muito resistente, elástica, brilhante e macia. Hoje já se fabricam muitos tecidos com sêla e lã, ou algodão e sêda, porque esta é muito cara.

Ùltimamente tem-se procurado utilizar as fibras de certas plantas para imitar a sêda a fim de a tornar mais barata. Ao tecido que se obtém por êste processo dá-se o nome de *sêda vegetal*.



O LINHO

O linho é uma planta que se cultiva muito em o nosso país. Nasce verde, e, depois de atingir a sua máxima altura, produz uma flor de um lindo azul, o que dá ao *linhar,* quando em plena floração, um aspecto muito agradável. Quando o vento perpassa e faz vergar os caules, formam-se ondulações de um lindo e vistoso efeito.

Depois da frutificação e mudada já a côr, é arrancado e atado em *molhos* ou *gavelas* que se deixam, algum tempo, expostas ao Sol. Em seguida procede-se à *ripagem* por meio de um aparelho chamado *ripador* ou *ripanço,* que tem uns dentes de ferro, onde os homens batem com o linho para separar as sementes, a que se dá o nome de *linhaça,* que tem muitas aplicações medicinais e industriais.

Depois disto, o linho é *curtido,* o que consiste em mergulhá-lo na água dos rios ou regatos ou mesmo em poços, onde se conserva o tempo necessário para ficar em condições. Esta operação tem por fim dissolver as matérias gomosas que o envolvem e que o prejudicariam.

Após a *curtimenta,* o linho é novamente ex-

posto ao Sol para secar, a fim de ser *maçado*. Esta operação, que antigamente era feita com um *maço* de madeira rija e que ainda hoje o é em algumas terras, realiza-se actualmente com um moinho ou engenho próprio.

Logo que o linho está devidamente *maçado*, é *espadelado* ou *gramado* com uma *espadela* ou *grama* — espécie de faca de madeira, móvel em tôrno de um eixo e assente numa ranhura.

Depois as fibras são passadas pelo *sedeiro* — grande pente de ferro — a fim de separar as fibras mais compridas das mais curtas e mais grossas, que constituem o que se chama a *estôpa*, empregada no fabrico de tecidos grosseiros, como as serapilheiras.

Nestas condições já o linho pode ser fiado, isto é, reduzido a fio, que depois se aplica na fabricação de panos. A fiação é realizada geralmente em máquinas especiais, mas em muitas terras da província ainda hoje se empregam para êsse efeito a *roca* e o *fuso*.

A porção de linho que se põe de cada vez na roca chama-se *estriga*.

Nada mais simpático do que ver a avòzinha contando histórias de mouras encantadas aos ne-

tinhos, que em volta a escutam embevecidos, ao mesmo tempo que vai fiando a *estriga* de linho claro, cuja côr se confunde com a dos seus cabelos venerandos.

E o fuso baila-que-baila
sempre em suas mãos bailando:
e a velhinha vai o linho
na sua roca fiando.

A porção de fio enrolado de cada vez no fuso, tem o nome de *maçaroca*. Esta passa do fuso para o *sarilho* — pequena haste de madeira com duas outras hastes em cruz — e assim se transforma em *meada*, a qual é depois metida na dobadoira.

Procurando uma das pontas dessa meada, o fio é enrolado em *novêlo*.

Esta série de operações é realizada modernamente por meio de máquinas, o que faz com que o trabalho seja mais rápido e mais perfeito.

A espadela *grama* o linho,
e no campo nasce a *grama*;
de cicuta um *grama* basta
p'ra levar a gente à cama.

Coroa de luz e ouro,
surge o Sol no alto monte,
inundando de mil côres
todo o esplêndido horizonte.

Manhã cedo e já as aves
aos bandos andam na lida,
saüdando com seus gorgeios
a luz, fonte desta vida.

E o Sol a subir... subir,
a tudo vai dando côr,
desde o vasto, infindo mar,
até aos campos em flor,

dando à violeta o roxo,
o amarelo ao malmequer,
vermelho ao cheiroso cravo
e formosura à mulher.

E do seu pincel de artista
surge a vida, a côr, a luz,
com que se enfeitam campinas,
e o lindo céu que seduz.

Só o cego, coitadinho,
da luz não tem consciência.
Mas... inda há maior desgraça:
não ter luz na inteligência...

ALGUMAS REGRAS ORTOGRÁFICAS

c *Peça, roça* — Nestas palavras é indispensável a cedilha; do contrário ler-se-ia *peca* (verbo *pecar*) e *roca* (substantivo).

Cêra, cimo — O *c* não precisa de cedilha nestas palavras, pois vale o mesmo que *ç*, quando vem, como neste caso, imediatamente antes de *e* ou *i*.

O **c** antes de **e** ou de **i** nunca leva cedilha.

g *Geral, giz* — A letra *g*, quando está imediatamente atrás de *e* ou de *i*, soa como *j*.

Guerra, guita — Para que o *g* não tenha aquêle valor, intercala-se um *u*, que aqui se não pronuncia, mas que em certas palavras se lê, como *argüir, argüente.*

h Escrevem-se com *h* inicial muitas palavras da nossa língua, como *homem, hoje, harmonia, herdeiro, hóspede,* o verbo *haver* em tôdas as suas formas, *Helena, Henrique, Herculano, Hermínio.*

r *Rapaz, terra, genro* — O *r* tem o valor forte, quando inicia uma palavra, ou quando está dobrado; ou quando está entre consoante e vogal, pertencentes a sílabas diferentes. Portanto:

Nunca se escrevem **dois rr** no comêço da palavra.
Nunca se escrevem **dois rr** entre consoante e vogal.

Pêra, parte, falar, prata — O *r* tem o valor fraco quando está no meio de vogais: ou quando está em fim de sílaba: ou quando está entre consoante e vogal, pertencentes à mesma sílaba.

S *Sapato, assim, pensar, cápsula* — O *s* pronuncia-se como ç. quando está no comêço da palavra; ou quando está dobrado: ou entre consoante e vogal, não pertencentes à mesma sílaba, excepto quando o *s* é precedido imediatamente de *p*. Portanto:

Nunca se escrevem **dois ss** no comêço da palavra.
Nunca se escrevem **dois ss** entre consoante e vogal.

Casa, rosa, defesa, formosura — O *s*, quando está entre vogais. vale o mesmo que *z*. Igual valor tem em *trânsito* e seus compostos e derivados, como *transeunte, transitar*, etc.

Na divisão de palavras em sílabas, nunca se separam as vogais consecutivas *ainda mesmo que não formem ditongo*. Assim as palavras *realizar* e *moinho*, não cabendo no fim da linha, deverão dividir-se dêste modo: *rea-lizar* (ou *reali-zar*) *moi-nho*. Palavras como *soar, vôo* não podem dividir-se no final da linha.

Se houver na palavra duas consoantes iguais, consecutivas, estas, no fim da linha, separam-se: *ser-ra, nos-so*.

Campo, sempre, limpeza, tombo, bumbo, comunmente, fazem — escreve-se *am, em, im om, um*, com *m* e não com *n*, antes das labiais *b, p, m* e no fim da palavra.

Redacção, protecção, director, Baptista — Em alguns nomes provenientes de verbos, emprega-se *c* ou *p* depois de vogal aberta que não seja predominante, sem que essas letras se pronunciem.

Escrevem-se com letra maiúscula inicial.

os nomes próprios de *pessoas, nações, cidades* ou quaisquer outras povoações, *rios, serras, cabos, lagos*, etc., etc.;

os nomes dos meses, (quando se escreve a data);

os nomes dos astros *(Sol, Terra, Lua*, etc.);

as palavras que designam tratamento: *V. Ex.ª (Vossa Excelência);*

a primeira palavra do período;

a palavra que designe título honorífico aplicado a um nome (D. Henrique, D. João II, D. Pedro V).

VOCABULÁRIO

NOTA. — Êste vocabulário refere-se apenas à acepção das palavras, no caso especial em que se encontram no texto, e foi organizado de modo que as crianças o possam compreender. Isto não impede que o professor o complete quando lhe pareça deficiente.

Em todo o caso, incluímo-lo neste livrinho, por julgarmos da maior conveniência que as crianças se habituem, desde muito cedo, a manusear um dicionário.

A

AGRIÃO — planta rasteira que se dá muito bem nos sítios onde abunda a água. Emprega-se em salada.

ALFÔRJE — espécie de saco fechado nas extremidades e aberto no meio. É muito usado pelos camponeses.

ALPISTA — planta com cujas sementes se alimentam certas avezinhas.

ALVORADA — o romper da manhã.

ANÁGUA — saia branca usada sôbre a camisa. No trecho emprega-se no sentido de *roupa branca.*

ARO — tira de metal ou madeira em círculo, pequeno arco.

ATANADO — coiro curtido com a casca de certas árvores, reduzida a pó.

B

BAMBU — cana dos países quentes.

BISCATO — alimento que as aves levam de cada vez no bico para os filhos.

BORNAL — saco de pano ou de couro que se põe a tiracolo e em que se levam mantimentos, etc.

BROCHAS — pregos curtos com cabeça larga e chata.

C

CÁNTAROS — vasilhas grandes de barro ou de fôlha (lata), geralmente para água.

CASAL — marido e mulher. Também significa pequeno povoado, lugarejo ou simplesmente uma habitação isolada em meio do campo.

CATANAS — pequenas espadas curvas. Nalguns pontos do país significa foice para cortar mato, segura na ponta de uma vara.

CAVERNA — cavidade profunda, gruta.

CERRADA — escura.

CÔLMO — caule de certas plantas, como o trigo, a cevada, o centeio.

CORAR — branquear.

CORROSIVO — *(sublimado)*—que corrói, que destrói. *Sublimado corrosivo* — substância venenosa, empregada geralmente como desinfectante.

CRISTAIS — vidros finos e muito transparentes.

D

DEBULHA — acto de debulhar, isto é, de separar o grão da espiga.

DISPENSAS — casas ou armários onde se guardam provisões da cozinha.

DESPERDÍCIOS — restos que não se podem aproveitar.

DÓCIL — submisso.

E

ESBAFORIDO — que respira com muita pressa em virtude de estar cansado.

ESCORREITO — que tem boa figura, que não tem aleijão.

ESTIRADAS — estendidas.

EXAGÊRO — quantia grande, quantia excessiva.

F

FADÁRIO — destino.

FAGUEIRAS — agradáveis, meigas.

FECUNDO — produtivo.

FÉTIDO — que tem mau cheiro.

FINTAR — fermentar, azedar.

FLAGELO — castigo, tortura.

FLOCOSO — composto de fios levezinhos que esvoaçam à menor aragem.

FRAGA — rochedo.

FUSTÃO — tecido de algodão, linho, sêda ou lã, em cordão.

G

GRANIZO — saraiva, pedrisco. Chuva congelada que cai em grãos.

I

HAVERES — bens, riqueza.

IMPROVISA — inventa.

INFINDA — que não tem fim; que dura sempre.

INGERIR — introduzir no estômago.

J

JUNÇA — planta de hastes flexíveis que cresce em sítios úmidos.

L

LAJES — pedras lisas e chatas de grande superfície.

LÔGRO — ardil, engano.

LOUÇÃS — garridas. vistosas.

M

MACADAME — sistema de empedramento de ruas ou estradas por meio de pequenas pedras e saibro. calcadas com cilindro.

MANINHAS — que nada produzem, estéreis.

MATREIRO — manhoso.

MONTE — neste trecho significa: *casal ou habitação de uma herdade.*

MUSSELINA — tecido leve e transparente de algodão, lã, sêda, etc.

N

NATURALISTAS — pessoas que se entregam ao estudo dos minerais, plantas e animais.

NORAS — engenhos com muitos alcatruzes, para tirar água. São ordinàriamente movidos por animais.

NUTRITIVO — que nutre ou alimenta bem.

O

OCIOSO — que não trabalha. Preguiçoso.

P

PANDEIRETAS — pandeiros pequenos. Espécie de tambor com uma só pele e munido de guizos.

PÉ-DE-MEIA — economias.

PERSEVERANÇA — persistência, constância no trabalho.

PIORNO — giesta brava.

PLACIDEZ — sossêgo, serenidade.

POEJO — planta rasteira e aromática, vulgar em sítios úmidos.

PORFIADO — disputado, renhido.

PRESSUROSA — apressada.

PRIMITIVO — o que é próprio dos primeiros tempos.

PROJECTO — planta ou plano de uma casa.

PROPORCIONA — causa, dá.

Q

QUOTIDIANA — de cada dia.

R

RALO — pouco espêsso.

RODOPIO — giros ou voltas dadas ràpidamente.

RUMOREJA — *(rumorejar)* — produzir pequeno rumor, pequeno barulho.

S

SAFÕES — vestimenta de pele de carneiro (conservando a lã) que os pastores usam sôbre as calças.

SALDAR — pagar.

SAMARRA — antiga vestimenta rústica feita de pele de carneiro.

T

TENDIDA — estendida.

TRANQÜILIDADE — sossêgo.

TRESMALHEM — fujam desordenadamente; se dispersem.

V

VIGILÂNCIA — cuidado, atenção grande para velar por alguma coisa ou por alguém.

ÍNDICE

	Pág.
Aos educadores	7
O nosso livro	9
A nossa casa	10
A nossa rua	12
A nossa terra	14
A nossa República	16
Aldeia em festa	17
A construção de uma casa	19
A felicidade no lar	23
A fonte	24
Cruz e Espada	25
Anedota	27
A união na família	28
A lareira	30
Dormindo	32
Alcunhas	34
Anedota	36
Não há bem que sempre dure	37
A barrela	38
As lavadeiras	40
Conte esta história	42
Os homens não se medem aos palmos	43
A agulha	46
O meu pião	48
Era uma vez	49
Leitura silenciosa	53
A saúde	54
Os tapêtes e as rendas	56
Os cinco dedos da mão	58
Leitura silenciosa	59
Jesus	60
O môço rico	62
Conte esta história	63
A velhinha	64
O lôbo e o cão	66
O Pão — I	68
» » II	69
» » III	70
As formigas	72
Leitura silenciosa	73
O engenho das formigas	74
A vaca	76
Exercício de ordenação lógica	78
A farinha	79
A côr do pão	80
O moinho	84
Canção do moinho	85
Socorramos os pobres	86
O mais forte	87

	Pág.
Os coelhos	89
O que o José faz durante o dia	92
O pão claro e o pão escuro	93
Os dois ratos	96
Quem tudo quere...	97
Subtracção errada	100
As abelhas	101
Como se amassa o pão—I	102
O sapo	104
Anedota	107
Como se amassa o pão—II	108
O cavador	110
Difícil escolha	112
A iluminação doméstica	112
Como se coze o pão	116
Pregões de Lisboa	118
O forno e o forneiro	120
No campo	122
O rebanho — O pastor	124
«Almas do outro mundo»	126
Conte esta história	129
Plantai árvores	130
A ovelha	132
A lã	133
A côr dos tecidos	134
Canção da chuva	135
Preparação dos tecidos	136
Leitura silenciosa	136
No alfaiate	137
O meu relógio	138
O algodão	140
Como se prepara o algodão	141
As nuvens	143
A sêda	146
O bicho da sêda	147
O linho	149
Canção da luz	152
Algumas regras ortográficas	153
Vocabulário	155

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES
THE UNIVERSITY LIBRARY
This book is DUE on the last date stamped below

OCT 31 1950
APR 20 1962
REC'D MLD
JUN 9 1964
JUN 10 1964
RECEIVED
JUN 1 1965
LD-URL
JUL 19 1965
AM
7-4
4-9
PM
9-10

REC'D LD-URL
OCT 18 1993
APR 19 1994
APR 10 2001

OCT 05 1992
NOV 12 1992
APR 09

Form L-9
25m-10,'44(2491)

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
AT
LOS ANGELES
LIBRARY

University of California, Los Angeles
L 006 634 946 5

PC
5069
S94 1
v.3

Obras de Manuel Subtil, Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça

INICIAÇÃO DA LEITURA, pelo método global, em harmonia com os modernos princípios pedagógicos, e contendo alguns exercícios de aplicação. Edição abundantemente ilustrada..... 4$00

GUIA DO PROFESSOR, para a aplicação da *Iniciação da Leitura* $50

INICIAÇÃO DA ARITMÉTICA por meio de processos intuïtivos, como preparação agradável e amena para o desenho, para a escrita e para o cálculo, abundantemente ilustrada ..... 3$00

CADERNO DE ARITMÉTICA, para a 2.ª *classe*, com ilustrações, segundo processos intuïtivos ..... 3$00

CADERNO DE ARITMÉTICA, para as classes 3.ª e 4.ª, contendo algumas noções de aritmética, sistema métrico e geometria, segundo os programas ac[illegible]is. Edição ilustrada ..... 3$50

CADERNOS DE APLICAÇÃO de Aritmética, Língua Materna, História e Geografia. Classes 3.ª e 4.ª de ensino primário e admissão aos liceus em 9 cadernos. Quem se exercitar na prática dêstes cadernos ficará habilitado a executar quaisquer *pontos de exame*, visto que nêles se contém tôda a matéria dos programas oficiais ..... cada 2$00

LEITURAS — I Classe — todo original dos autores..... 3$50

LEITURAS — II Classe—todo original dos autores, professores primários, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43..... 4$00

LEITURAS — III Classe — todo original dos autores, com vocabulário e regras ortográficas, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43..... 5$00

LEITURAS — IV Classe — contendo no final, além de vocabulário. algumas regras ortográficas, muito úteis, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43..... 6$00

PEQUENO DICIONÁRIO ESCOLAR, com cêrca de 10.000 vocábulos, 8.000 exemplos, 50 ilustrações e mapas e 700 páginas, um belo volume portátil, cart..... 12$00

MODERNO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA Principais alterações e dificuldades ortográficas e prosódicas, segundo o Vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa, 1 vol. de 102 págs. encadernado, 10$00; brochado..... 6$00

ELEMENTOS DE GRAMÁTICA — em moldes completamente novos — aprovados oficialmente para a 3.ª e 4.ª classes, por Silvestre da Silva e Sanches de Brito ..... 5$00

EDUCATIVAS — Poesias infantis por Manuel Subtil..... 4$00

Mobiliário e material escolar

Carteiras — Secretárias — Quadros pretos — Caixas métricas — Contadores mecânicos — Quadros de moral, de ciências naturais, de história, etc. — Mapas de sistema métrico, corográficos ou geográficos — Esferas terrestres, celestes e armilares, etc.

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

Sede: R. Garrett, 100-102—*Sucursal:* L. do Poço Novo, 24—LISBOA